



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE SÃO BERNARDO
CURSO DE LICENCIATURA EM LINGUAGENS E CÓDIGOS - LÍNGUA
PORTUGUESA

GABRIEL SILVA RODRIGUES

O ALIENISTA, DE MACHADO DE ASSIS: A SOCIEDADE COMO EXPERIMENTO

SÃO BERNARDO - MA

2024

GABRIEL SILVA RODRIGUES

O *ALIENISTA*, DE MACHADO DE ASSIS: A SOCIEDADE COMO EXPERIMENTO

SÃO BERNARDO - MA
2024
GABRIEL SILVA RODRIGUES

O ALIENISTA, DE MACHADO DE ASSIS: A SOCIEDADE COMO EXPERIMENTO

Trabalho de conclusão de curso para obtenção do título de licenciatura em Linguagens e Códigos - Língua Portuguesa, apresentado na Universidade Federal do Maranhão – UFMA.

Publicado em:

BANCA EXAMINADORA

1º Examinador

2º Examinador

SÃO BERNARDO - MA
2024

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional para fins de estudo e pesquisa desde que citada a fonte.

**Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA**

Silva Rodrigues, Gabriel.

O Alienista, de Machado de Assis: : a sociedade como experimento / Gabriel Silva Rodrigues. - 2024.
55 p.

Orientador(a): Fabrício Tavares de Moraes.

Monografia (Graduação) - Curso de Linguagens e Códigos - Língua Portuguesa, Universidade Federal do Maranhão, Sala Multimídia -- Centro São Bernardo, 2024.

1. O Alienista. 2. Modernidade. 3. Experimento. 4. Sociedade. I. Tavares de Moraes, Fabrício. II. Título.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é mostrar que a novela *O Alienista*, de Machado de Assis, é, dentre outras coisas, uma representação ficcional de um ideal de sociedade como um experimento nas dimensões materiais, teorias e ideologias políticas e do modo como estas se centram na ideia de controle racional científico de todos os processos humanos. O método de pesquisa é bibliográfico, sendo utilizados livros e artigos. A divisão e aporte teórico contemplaram aspectos e elementos da modernidade conforme propostos por autores como William R. Everdell e Anthony Giddens para a compreensão dos movimentos intelectuais que estiveram sob a influência positivista; em seguida, traçando as linhas de força da modernidade brasileira e sua Belle Époque, recorre-se às reflexões de Nicolau Sevcenko e José de Sousa Martins, que fornecem bases para compreensão da modernidade no Brasil. Num terceiro momento, utilizando as intuições e conceitos de nomes como Augusto Meyer, Robert Schwarz, John Gledson, Mário Vieira de Mello, José Murilo de Carvalho e Ivan Teixeira, voltamo-nos para uma análise das dinâmicas subjacentes à complexa realidade brasileira, a partir de interpretações de trechos da novela machadiana, a qual, como propomos transfigura ficcionalmente essas dinâmicas. Algumas chaves interpretativas foram percebidas, sendo estas: um retrato sombrio e advertência cética acerca dos processos correntes à época, um diagnóstico da burguesia brasileira à luz da Belle Époque e um esboço da teia de costumes por vezes alienantes que se tornou cada vez mais espessa desde o início da modernidade no Brasil. Todas essas chaves vão ao encontro do objeto de pesquisa proposto, que percebe, em *O Alienista*, a representação da sociedade como um experimento centrado na ideia de controle da natureza, racionalidade e impulsos humanos.

Palavras-Chave: *O Alienista*; Modernidade; Experimento; Sociedade.

ABSTRACT

This paper aims to show how Machado de Assis's novel *O Alienista* is, among other things, a fictional representation of an ideal of society as an experiment in material dimensions, political theories and ideologies, and how these are centered on the idea of scientific rational control of all human processes. The research method is bibliographical, using books and articles. The division and theoretical contribution included aspects and elements of modernity as proposed by authors such as William R. Everdell and Anthony Giddens to understand the intellectual movements that came under the positivist influence; then, tracing the lines of force of Brazilian modernity and its Belle Époque, the reflections of Nicolau Sevcenko and José de Sousa Martins are used, which provide the basis for understanding modernity in Brazil. In a third moment, using the intuitions and concepts of names such as Augusto Mayer, Robert Schwarz, John Gledson, Mário Vieira de Mello, José Murilo de Carvalho and Ivan Teixeira, we turn to an analysis of the dynamics underlying Brazil's complex reality, based on interpretations of excerpts from Machado's novel, which, as we propose, fictionally transfigures these dynamics. Several interpretative keys have been identified: a somber portrait and skeptical warning about the current processes at the time, a diagnosis of the Brazilian bourgeoisie in the light of the Belle Époque and an outline of the web of sometimes alienating customs that have become increasingly thick since the beginning of modernity in Brazil. All of these keys align with the proposed object of research, which perceives, in *The Alienist*, the representation of society as an experiment centered on the idea of controlling nature, rationality and human impulses.

Key-words: *The Alienist*; Modernity; Experiment, Society.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8-10
2. ASPECTOS E ELEMENTOS DA MODERNIDADE.....	10-27
2.1 TEMPO - ESPAÇO E CONTROLE	19-27
3. MODERNIDADE BRASILEIRA E A BELLE ÉPOQUE.....	27-35
4. O ALIENISTA.....	35-52
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52-54
REFERÊNCIAS.....	54-55

1- INTRODUÇÃO

A obra *O Alienista* de Machado de Assis, por tempos, foi vista em grande medida por sua crítica irônica ao pensamento cientificista da época. A obra vai além, pois demonstra todo o arcabouço de ideias e a construção social que tentava se enraizar no Brasil com a modernidade. Como se sabe, a narrativa se centra nas ações do Dr. Simão Bacamarte, famoso homem de estudos do Rio Janeiro, que chega a uma cidade interiorana onde aplica seus estudos e métodos manicomiais. Recém-chegado à cidade, e em sua diligência em descobrir certos princípios e razões concretas sobre o fenômeno da loucura, toma a decisão de se dedicar a esse ideal.

Em posse da Casa Verde, o protagonista começa aos poucos, e de forma profícua, a se utilizar do local para então estudar esse fenômeno: “O principal nesta minha obra da Casa Verde é estudar profundamente a loucura, os seus diversos graus, classificar-lhe os casos, descobrir enfim a causa do fenômeno e o remédio universal”. (Machado de Assis, 2008, p. 18-19). Em sua honrosa empreitada, que por vezes é permeado pela insanidade e o autoritarismo, mostra seu ideal, o qual ele por meio da “ciência” busca representar, pretendendo salvar ou diminuir o sofrimento que vem a acometer aquelas pessoas.

Dada tal pretensão e tal loucura, foi então neste instante que se pode perceber o objeto de pesquisa sobre o qual se debruçar. *O Alienista*, entre muitas chaves e entre muitos caminhos, é também uma representação da sociedade como experimento no campo de possibilidades materiais, teorias e ideologias políticas e como estas se centram na ideia de controle racional científico de todos os processos humanos.

Assim, este trabalho adentra uma perspectiva de indicar aspectos da modernidade perpassando elementos e movimentos que ajudaram em grande medida a moldar o pensamento cientificista tão representado na obra e na figura do Dr. Bacamarte, por este motivo a pesquisa se divide em três partes, a primeira (aspectos e elementos da modernidade) com William R. Everdell e Anthony Giddens

sendo utilizados para a compreensão dos movimentos intelectuais nos diversos campos do saber a luz da influência positivista, a segunda parte (modernidade brasileira e a belle époque), temos Nicolau Sevcenko e José de Sousa Martins dando escopo para a compreensão da modernidade no Brasil, já na terceira parte (*O Alienista*) a pesquisa traz, Augusto Mayer, Roberto Schwarz, John Gledson, Mário Vieira de Mello, José Murilo de Carvalho e Ivan Teixeira para um estudo e elucidações das dinâmicas subjacentes a obra machadiana.

O trabalho no início percorre um caminho que tem como foco o desenvolvimento do modernismo, descrevendo os grandes movimentos e ideias na ciência, filosofia, os quais sob influência do positivismo tiveram grande participação na criação desta concepção de modernidade na obra referida. A análise desses movimentos terá como guia o historiador William R. Everdell, que em sua obra *Os Primeiros Modernos*, traça em uma nova perspectiva um panorama destes movimentos intelectuais efervescentes a luz do positivismo nos diversos campos do saber, indo desde a matemática de Dedekind, nas artes com George Seurat até o inconsciente com Sigmund Freud.

Nessa perspectiva Everdell tenta mostrar como nesses campos tão diversos, emergiram em grande parte intelectuais que, mesmo distantes um dos outros, conseguiam seguir na direção da inovação e da radical mudança de paradigma, criando com suas ideias e descobertas um esboço de sociedade a qual viria tomar forma nos séculos XIX e XX. Mas, como já foi mencionado, a modernidade apresenta diversas perspectivas possíveis, sendo assim, este trabalho olhará também, além do que propõe Everdell, o que assinala Anthony Giddens.

Este por sua vez propõe uma análise profícua de transformações que transcorrem no seio social e como essas se relacionam com a modernidade; tempo-espço e controle essas categorias são presentes em sua obra, a qual, sem inferir um caminho único, demonstra, com certa clareza como tais elementos compõem a modernidade e a lhe dão identidade.

Ao passo que essas categorias ajudam a compreender os intrincados mecanismos da sociedade moderna, Giddens lança mão também de conceitos que ajudam a destrinchar esses processos, a saber: dimensões padronizadas, tempo espaço e controle que dão visão translúcida para uma melhor interpretação do “fenômeno” da modernidade e de sua materialidade.

Assim a pesquisa tem como método a investigação bibliográfica que consulta em livros e artigos os sinais de clareza para a compreensão do objeto de pesquisa, partindo do entendimento de modernidade que advém do enquadramento teórico exposto nas obras de Everdell e Giddens, como já citados, assim como: Nicolau Sevcenko e José de Sousa Martins, que darão escopo para a compreensão da modernidade no Brasil, tanto no campo intelectual ideológico como no campo social. Para o estudo e elucidação das dinâmicas sociais subjacentes à obra machadiana, serão usados alguns dos principais críticos literários e estudiosos da obra, nomeadamente: Augusto Meyer, Roberto Schwarz, John Gledson, Mário Vieira de Mello, José Murilo de Carvalho e Ivan Teixeira. Todos eles iluminarão o caminho trilhado de análises e projeções deste trabalho, que vislumbrou em *O Alienista* do Bruxo do Cosme Velho algumas das contradições e experiências que viriam com a modernidade.

Os resultados deste processo que culminou com a análise da obra *O Alienista* como ponto central do objeto de pesquisa, observou que ao longo do desenvolvimento da modernidade, dentro e fora do Brasil, o ser humano, com a evolução ideológica e material positivista, viu, na natureza e neste, objeto de experimento e controle, sendo ambos cabíveis de meticolosa racionalidade científica material. Foram observados também algumas chaves interpretativas sendo essas: um retrato sombrio e advertência cética de Machado acerca dos processos correntes presentes na sua época, um diagnóstico do espírito da burguesia brasileira à luz da belle époque, previsão sobre a teia de costumes com o aprofundamento da modernidade. A pesquisa vê também abertura para novas perspectivas de diálogos entre literatura, sociedade e ciência.

2- ASPECTOS E ELEMENTOS DA MODERNIDADE

A modernidade é uma ambivalência, a busca por respostas desperta em muitas mentes a vontade de achar um panorama final ou um caminho final, na contra mão dessas mentes. William. R. Everdell toma uma estrada um tanto diferente. Como bom historiador tenta achar um fio que percorre todo esse vasto movimento chamado modernidade, na sua busca ele encontra em ideias, histórias, movimentos e diversos outros momentos únicos alguns dos elementos que irão compor todo o arcabouço e a mentalidade moderna. Assim é tomada como perspectiva a abordagem do escritor e

de diversos outros autores, usando então alguns fatores para ilustrar o que irá se transpor na obra *O Alienista*, cujo retrato fidedigno da modernidade em tons brasileiros é tão atual como nunca.

Em seu livro *Os Primeiros Modernos* Everdell (2000) traz por meio de uma profícua narração os conjuntos de ideias que abalaram e influenciaram gerações e gerações, bem como a vida e obra desses intelectuais que, ainda que sozinhos, modificaram o panorama e o jeito de pensar, fazer e criar ciência. Nesse esforço, ele mostra os movimentos que sopraram o vento dos novos tempos e das novas maneiras de pensar. Everdell, antes de se propor a dar qualquer tendência ou definição do modernismo, começa por mostrar em *Os Primeiros Modernos* (2000) o que na visão dele não é o modernismo: “o modernismo não é para tomar alguns exemplos: industrialismo, capitalismo, marxismo ou iluminismo” (Everdell, 2000, p.19); isto é, para Everdell nenhum dessas dinâmicas ou sistemas consegue por si abarcar o modernismo. Como o autor aponta, o que alguns historiadores da economia denominam “modernização” não pode ser confundido com modernismo, e o emprego deste termo “moderno”, como diz ele, “quase equivale ao uso de “industrialização”, refere-se aos resultados de um processo que começou na Inglaterra no fim do século XVII” (Everdell, 2000, p. 19). Ele também aponta que:

O emprego deste termo está intimamente ligado ao termo “História Moderna”, adotado pelos historiadores da arte para designar o que começou com o renascimento das cidades no século XIV e continua até hoje. (Everdell, 2000, p. 19)

Na perspectiva dele, o simples fato do crescimento industrial não consegue abarcar a complexidade do modernismo. Sendo assim, a Revolução Industrial é uma continuidade do desenvolvimento material e um processo já advindo ao longo dos tempos pelos agentes e sociedades participantes.

Como o pensador apontou, o termo já se faz presente não apenas na economia, como também na arte, mas a definição não é o objetivo ou tema de Everdell; antes, o que nos interessa é sua perspicácia em apontar as tendências que surgiam e iam dar corpo a algo tão robusto e complexo como a modernidade. Sendo assim é de se ressaltar que uma definição e caminho único não demonstram os caminhos percorridos, Everdell (2000) aponta que todas iniciativas são por si só a culminação da modernidade:

Mas não pode haver dúvidas de que há, no modo de pensar das pessoas e no funcionamento das culturas, mudanças a serem consideradas, de que muitas mudanças dependem uma das outras e de que a união de várias

delas pode ser chamada de “modernismo”. (Everdell, 2000, p.22)

Tais mudanças cognitivas, culturais e científicas moldaram a nova fronteira humana ofertada e seguida pela modernidade. Essa nova fronteira foi posta em debate quando no alvorecer de uma nova aurora Augusto Comte propôs a fronteira do positivismo, mais uma fuga da caverna para as verdades objetivas? Não! Muito mais do que isso, Comte propunha uma rigorosa e pretensiosa visão de que tudo, no limite decisivo, fosse filtrado por uma racionalidade científica que afastasse qualquer rascunho ou tentação de misticismo, como bem aponta Everdell:

O positivismo, às vezes denominado “cientificismo” era um programa filosófico, fundamental na convicção de que todos os problemas da filosofia teriam solução se ao menos as pessoas pudessem resistir à tentação do misticismo. A ontologia (o que existe, se existe e como existe?), a epistemologia (como conhecer algo?) e a ética (o que devemos fazer?) devem ser todos derivados de um conhecimento “positivo” dos fenômenos (na maioria científicos) e devem manter o espírito fora do seu mecanismo. (Everdell, 2000, p 22)

Não é exagero dizer que no seio de tantos acontecimentos posteriores ao positivismo, Augusto Comte foi responsável por uma visão que poderíamos definir sucintamente como “Tecnocracia”, ou como argui Maria da Conceição Tavares em vídeo disponível no youtube em aula de 1992 na unicamp “retalha para ver como fica”. Tal frase de Tavares faz referência a sua visão de como funcionava a sociedade norte-americana, a qual dizia ser uma sociedade realmente “moderna” da decomposição ou fragmentação, na qual prevalecia a noção de que para cada problema tem um ramo ou soluções específicas, as quais em seu centro tem a ideia de resolver e solucionar cada problema com análises científicas, sem interligações e sem um plano mais amplo que abarque tudo, uma resposta epistêmica sem conexões e sem um fio limiar.

Em tal perspectiva, é necessário então que surjam ramos específicos para cada fenômeno ou problema novo, e para organizar tudo isso, será necessário uma administração que consiga dar conta de equilibrar e centralizar tudo. A decorrência disso é uma ramificação da sociedade em partes administráveis, e em contrapartida uma centralização dos meios em um centro de poder administrador.

Se assim o for, a ideia de que qualquer forma de pensar não transcorra no âmbito descritivo é por si só inadequada, como demonstra o autor ao mencionar os apontamentos de Comte sobre o positivismo. “Segundo Auguste Comte, o

positivismo ditará que, se qualquer generalização fosse feita, ela deverá ser estritamente descritiva e não metafísica”,(Everdell, 2000, p.33)

Eis então a perspectiva dada, perspectiva essa que viria quebrar a relação romântica dos amantes da natureza e do homem, mais ainda, a relação com o desconhecido sem a perspectiva de descrever e analisar para uma solução material e concreta. Aos poucos esse caminho tão explorado pelos românticos e tão evidenciado ao longo dos tempos com a visão metafísica era, dia após dia, morta e enterrada pela imanente perspectiva da reprodução fiel e realista da natureza e do homem, como aponta o pensador: “Para os modernistas, o diálogo constante entre aquele que percebe, e o que é percebido não tem um resultado previsível e pode alterar qualquer um ou ambos para além do conhecimento” (Everdell,2000, p. 44).

Trata-se de um ponto de não retorno, dada a abrangência ao positivismo; agora, tudo o que não pode ser previsível e em certa medida controlado está fora do que pode ser considerado conhecimento. Para chegar a tamanha ruptura, muitos movimentos e ideias em todas as áreas tiveram de florescer, é preciso então falar de George Cantor e Richard Dedekind, ambos matemáticos que, apesar de não terem construído máquinas, foram responsáveis não só pelos meios com o que se constrói máquinas, mas por dar um novo modo de pensar ao Ocidente.

A matemática sempre foi mantida sobre suspeitas e desconfiança pelos positivistas, mais especificamente como fonte indispensável e concreta para o entendimento da natureza, havia ressalvas destes acerca de até onde os matemáticos poderiam produzir cálculos e perspectivas redutíveis suficientes para transformar em materialidade aquilo que até então se propunha abstratamente como instância propulsora definitiva no campo teórico.

Até o contínuo na aritmética, solução essa que estava solidificada e era dada como algo inquestionável e inseparável do digital, fora então questionada. Dedekind não acreditava nisso, e ao longo dos anos desenvolveu novos horizontes, horizontes esses que compartilhou e discutiu por muitos anos com seu colega também matemático George Cantor.

Pouco depois, em contínuo diálogo e estudos, Cantor daria mais passos no crescimento do movimento modernista com a descoberta da teoria dos conjuntos, a qual colocava a visão de uma hierarquia dos conjuntos na tempestade pela busca da coerência na matemática. Abriam-se assim novas perspectivas para a matemática e

a ciência, colocando tijolos e subindo degraus na construção “moderna”. Inflama-se, desse modo, a ambição do homem pelo número e exatidão das coisas, pelo controle do ponto futuro, ambição essa que as outras ciências levaram para si puxadas pelos positivistas, como diz Everdell:

A maioria das ciências conseguiu sucesso sob o positivismo. A biologia prosperou. A antropologia apoiou-se na teologia e aproveitou a ocasião para nascer. Até mesmo a psicologia passou facilmente a nova era pondo de lado suas belas teorias gerais da consciência, admitindo ser a mente composta por matéria e experimentando o funcionamento dos sentidos. (Everdell, 2000, p.53)

A mentalidade de prever e experimentar em prol da materialidade e racionalidade das coisas se espalhou como um rastilho de pólvora, ainda que interpretada de outras formas em outras áreas, é possível dizer que a ideia de um mundo material, racionalizado e experimentado está no fronte da modernidade. Tal conceitualização da realidade presente na mentalidade positivista leva não à racionalidade na análise desse real, mas em algo além; ora, a tentativa de reduzir a ciência à forma era simplesmente o sonho de um rigor na aplicação desta na vida humana.

Sendo o positivismo um hóspede que assistia entusiasmado à busca pelas definições de número – tão desejadas por Dedekind, Cantor e diversos outros que no empenho árduo e sincero de buscar concretude e definições na matemática, tornaram essa busca um problema não só de ordem conceitual –, a pergunta, “o que é um número?” Tornou a investigação também de ordem filosófica e cultural, assim como trouxe à tona a própria ideia de sociedade puramente regida sob a égide da ciência. O pensamento positivista se encontrava no limiar de um novo processo, o de controle.

Mas o florescer da ciência avançava, e nesse florescer que Ludwig Boltzmann se encontrava, ele que chegou cedo à física, passando da classe no ginásio em Linz ao departamento de física da Universidade de Viena e em 1866, com seu doutorado, levava consigo o contínuo do universo tão presente no século XIX. Responsável por fundar a física moderna, o físico, imbuído de todo processo de criação da segunda lei da termodinâmica e abandonando os campos, no qual outros cientistas ainda se faziam empenhar, decidiu se comprometer com algo novo, o universo fundamental das probabilidades dos átomos da matéria (entropia), que com esforço e dedicação de uma vida, conseguiu dar uma prova matemática, conforme aponta Everdell:

No fim, Boltzmann obteve sua fórmula, e a segunda lei da termodinâmica teve, afinal, uma prova matemática. Expressa na linguagem rígida da

matemática aparece no fim do artigo, S, a famosa lei de Boltzmann a entropia, é proporcional ao logaritmo das probabilidades, W, calculada parte por parte, dos estados de um sistema. (Everdell, 2000, p.74)

A materialidade, a divisão e a organização da racionalidade matemática e científica tomavam forma, dia a dia na sociedade, mas faltava ainda novos horizontes a serem atingidos, e esses horizontes teriam a ajuda de George Seurat. George Pierre Seurat foi um artista plástico talentoso, dedicado, e como todo bom artista, em constante processo de estranhamento com seu tempo e seu lugar.

Em seu estúdio no distrito de Montmartre, em Paris, ele, aos 25 anos, refazendo sua pintura, adicionando pequenos pontos de um novo pigmento luminoso sobre as marcas de cor da tela, dava passos a uma nova fase da arte. O quadro *“Um Domingo de Verão na Ilha Grande”*, entraria em um curto período como um dos primeiros quadros a serem chamados de pintura moderna, tornando-se também para muitos dos artistas que viriam a segui-lo um portal para o futuro.

Desde cedo, Seurat mostrou uma aguda diferença a outros pintores da época, seus esboços da vida real mostram que, para ele, um quadro não era o mesmo que um objeto; especificamente, ele se concentrava no espectador, era um pintor com atitude científica. Sua forma de pintar e suas obras, eram tão influentes que, por meio delas, foi possível chegar ao então processo de cromo-tipografia:

A L 'Illustration de Paris, uma revista ilustrada de grande circulação, abria caminho com um processo de filtro de meio-tom chamado cromo-tipografia em 1881. Em dezembro de 1885 a revista estava publicando fotogravuras em cores feitas com eles - quadros de Seurat, que amava a arte popular do cartaz. (Everdell, 2000, p.94)

Diz ainda o autor, “a partir deles seriam só alguns passos para chegar aos pontos de fósforo de três cores da tela de televisão e o pixel e uma imagem computadorizada” (Everdell, 2000, p.94). Assim o pintor que se interessava na vida real, nas cores reais, rumava ao futuro por nome “modernidade” e sua materialidade crescente.

Como Seurat, outro homem, que em sua infância amava pintura, e de certa forma foi um pintor, também ajudaria na enorme e complexa construção da “modernidade”, refiro-me a Santiago Ramón y Cajal, o homem dos átomos no cérebro. Como já mencionado, o processo de materialização e racionalização de todas as áreas do saber por meio da ciência, como então propunha os positivistas, já estava acontecendo, mas em certas partes da ciência, faltavam evoluções que

ampliassem a compreensão e materialidade das divisões e exploração da natureza e do homem.

É então que entra Cajal, que, assim como Seurat, amava pintura; sua paixão por representar tudo através da tela era marcante, assim como seu desejo pelo mistério e pelo desconhecido. Possuindo um coração de pintor, seguiu por um tempo esse desejo, ainda que seu pai, homem positivista, não entendesse muito bem; em certo momento, com o abandono do sonho de ser pintor, ele teve uma reviravolta:

Uma vez que seu lento e relutante abandono da arte estava concluído, ele se lembrou de suas aulas como lições de fracasso. “Elas me levaram”, escreveu, “a aguçar minhas observações da natureza e desconfiar da memória”, ou em resumo, a se tornar um cientista observador. (Everdell, 2000, p.131).

Continua o pensador, “ele se tornou, por fim, mais positivista que o próprio pai, pretendendo apagar todo o resquício de transcendência e mistério no estudo da natureza, da mente e do cérebro.” (Everdell, 2000, p.131). E assim ele fez, usando de um método recém-descoberto na Itália, Cajal, ao tingir célula por célula começou a dar forma ao seu processo de isolamento das células, até chegar na unidade básica do cérebro – o neurônio –, que agora se encontrava isolado.

Sua descoberta caiu como a peça do tabuleiro que faltava para muitos jovens cientistas de ideais positivistas. Viam em sua descoberta a prova de que a consciência era apenas um subproduto da eletricidade e da química no processo nervoso. Seu sucesso se espalhou como um rastilho de pólvora, chegando em diversos lugares, e através de um senhor chamado Buck que trazia consigo a convicção materialista, a busca neural chegou também em Viena, onde difundiu para seus assistentes de laboratório, incluindo um jovem aspirante neurocientista chamado Sigmund Freud.

Esse avanço materialista começou a impactar diversas áreas, em algumas delas, a preocupação em serem superadas por descobertas científicas-positivistas era clara; foi assim para os receosos psicólogos alemães com a comprovação dos materialistas da não-autonomia da psique humana. Assim tanto a psicologia como o estudo da mente como um todo teriam de ser abandonado, algo que posteriormente seria contornado pelos behavioristas:

O “behaviorismo” substituiu os esforços vãos de entender a mente e as investigações inconcludentes sobre a função do cérebro por um simples modelo de entrada - saída, chamou a mente de “caixa preta” e libertou toda a matéria da psicologia da neurociência durante um século. (Everdell, 2000, p.133).

Como mostrado Cajal foi de grande influência, transcendendo a histologia e perpetrando em muitos campos, é de se ressaltar ainda sua influência sobre o artista moderno do norte da Europa, o norueguês Edvard Munch que em seu retrato de Laura, sua irmã, o qual é chamado de *Melancolia*, o pintor reproduz no segundo plano um desenho com azul-escuro, vermelho, branco e cinza, que ao se olhar com mais cuidado, pode se perceber a inspiração tirada do livro de esboços de Santiago Ramón y Cajal.

O mundo avançava em diversas vertentes, as quais tomavam aspectos da modernidade. É nesse submergir de vertentes que surge, na província de Pinar del Río, a ideia de controlar a sua literalidade, refiro-me ao germe do campo de concentração, ou aspectos do que podia sê-lo. Ao levar em conta a sugestão do seu sucessor, Valeriano Weyler, coloca a macabra sugestão em prática, dá início a incursão nas cidades cubanas de domínio espanhol em 1869, conduzia os “cidadãos” a alguns lugares “protegidos”, fazendo assim uma “reconcentração” deles. Tais atitudes mostram que os ventos com ideias de esmagamento e animalização humana vieram para colocar novos parâmetros nas formas modernas de controle e destruição:

De fato, os campos de concentração eram uma invenção muito moderna em sua insistência na análise e fragmentação. O campo nasce nas mentes desses que começaram a ver a espécie humana como fundamentalmente descontínua, capaz de ser separada em partes como a série de números de Dedekind, ou designada, como os elementos dos subconjuntos de Cantor, que podem ser definidos de uma forma justa e inequívoca. (Everdell, 2000, p.146).

Essas ideias não eram de exclusividade da Espanha na época, ou somente posterior aos alemães, como diz Everdell, os norte-americanos também avançaram nessa direção, na direção da disciplina comportamental, nos impulsos controlados e premeditados para um fim material.

O germe da ideia de controle comportamental e psicológico humano era plantado e testado naqueles dos quais os que praticavam acreditavam ser hábitos a serem esmagados, mostrando que a ideia de controle racional da natureza e dos impulsos humanos, leva aqueles que nela se centram a um processo de desumanização que ancorado no sub fugiu de racionalidade, prolonga e ampara as práticas mais cruéis e irracionais possíveis.

Foram os Estados Unidos que inventaram, em 1834, a reserva para as minorias étnicas indígenas. Foi o governador do estado americano do Missouri quem primeiro sugeriu, com relação aos mórmons em 1838, que a expulsão ou extermínio de concidadãos era uma política adequada. (Everdell, 2000, p.153).

Aos respectivos fatos, é de se ressaltar que dada a ideia e práticas o campo de concentração virou uma alternativa com potencial sedutor ao Ocidente; esta custaria um preço, não só em vidas, mas também uma contaminação no inconsciente de todos, dos quais envolto na atmosfera de domínio sobre o campo material e comportamental entraram em processo de destruição dos parâmetros de tratamento e condição de vida humana.

Esse preço que pagaria o ocidente com o inconsciente foi percebido por um jovem médico que surgia na Viena de então: Sigmund Freud. Mas nem sempre foi assim, no começo, com o decorrer da proliferação da psiquiatria, esta possuía em seu portfólio um leque de teorias bizarras; tratamentos de choque, banhos frios, que envolviam subjugação pela dor, submetendo as pessoas em muitos casos a sofrimentos muito maiores:

Cercado pelo antigo problema da relação mente-corpo, a psiquiatria era distorcida por terapias bizarras, baseadas em qualquer abordagem concebível para sua solução. Os médicos eram ainda chamados “alienistas” e estavam propensos a experimentar qualquer coisa. (Everdell, 2000, p.161).

Freud estava no meio dessa tempestade, e se via instigado com as descobertas de Cajal, se mantendo no limiar dos acontecimentos e das pessoas que se nutriam destes, ainda que muitas dessas influências o tenham levado a cometer um de seus erros que o assombrou pelo resto da vida, a saber, a prescrição da dita droga maravilhosa, a cocaína. No entanto, isso não o impediu de continuar, e de fato continuou, ainda que com fracassos:

Quando Freud deixou o laboratório do cérebro do “grande Meynert”, cujos passos ele seguiria com profunda reverência, e entrou finalmente na prática privada, o objetivo era terminar um compromisso de cinco anos, casando-se com Martha, sua noiva sem dote. A psicanálise ainda não existia, então ele decidiu prosseguir com o hipnotismo como um tratamento para os orgânicos, Freud optou pela eletroterapia, que estimulava os nervos de (modo natural) eletricamente, aplicando ‘escovas de frarolog’ na garganta se você tivesse uma tosse nervosa ou colocando um eletrodo ligado, em sua pele nua, se você tivesse uma paralisia. (Everdell, 2000, p. 165).

Freud apostou no cavalo errado, assim como fez com a hipnose, porém logo mais conseguiria sua reviravolta, adentrando em áreas não exploradas; a concepção dos impulsos sexuais no comportamento e psique humana proposta na sua teoria,

assim como demais elementos de sua obra, afetariam a continuidade do entendimento da psique e de toda perspectiva material experimental presente até então, mudando assim todo o século XX:

O que o sexo fez foi fornecer a Freud quadro ações separadas indispensáveis e amplamente materiais. Primeiro, o sexo era a fonte de substâncias químicas que Freud acreditava serem a causa direta de algumas neuroses as neuroses aktuell. Segundo, o sexo era fonte constante da energia elétrica que ele precisava postular para carregar e impulsionar seu sistema nervoso teórico. Terceiro, em termos de evolução biológica dos tipos peculiares de sintomas neuróticos manifestos. Quarto, e mais importante, o sexo era a causa multifuncional subjacente àquela faculdade mental curiosa que seria a maior das ideias de Freud, a Verdrängung a “repressão” que colocava as memórias da mente. (Everdell, 2000, p. 167).

O psicanalista revolucionou o mundo cultural europeu de imediato, sua astúcia e perspicácia eram de igual modo contrastadas com a repercussão de tais conceitos. É de se ressaltar que as teorias agora empunhadas pelo psicanalista tiveram um impacto gigantesco para a modernidade. Cedo ou tarde todos entrariam no divã e se expressariam sobre como o advento dos meios industriais, as guerras, utopias e demais elementos crescentes da modernidade os afetam em seu inconsciente. Por fim é de se ressaltar também a continuidade dos estudos do Dr. Freud, bem como de suas descobertas que posteriormente ajudaram a moldar a compreensão sobre consciente e inconsciente.

Foi entre as caminhadas nas montanhas de Berchtesgaden durante suas férias que Freud estava escrevendo o capítulo final teórico, de “Sonho”, no qual “seus neurônios” carregados (beretz, cathected) do cérebro são irrevogavelmente transformados em partes da mente, e onde ele se eleva pela primeira vez para imprimir aquela imponente estrutura de inconsciente, Pré-consciente e consciente que delimitou a psique do século XX. (Everdell, 2000, p.171)

Com isso, são abertos ciclos que em disseminação vão modificar e transformar a sociedade como um todo, levando aos poucos à construção da modernidade, contudo, novas transformações ainda estão acontecendo e novos horizontes são explorados, controle e distopia eram a ordem do dia.

2-1 TEMPO-ESPAÇO E CONTROLE

As dinâmicas da modernidade evoluíam a cada dia; conforme o tempo passava, era mais nítido que a sociedade se encontrava numa profusão de novos

costumes e novas formas de organização social. Anthony Giddens, em seu livro *As Consequências da Modernidade*, deu-nos possivelmente uma das obras incontornáveis nesta apreensão das modificações socioestruturais da modernidade. Giddens vê os processos da modernidade como algo de alcance mundial e cujas origens remontam ao século XVII: “Modernidade refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência”. (Giddens, 1991, p.11).

Mas por que tanta capacidade de influência? O processo de transformação moderno foi lento, apesar de ter se tornado algo claro a olho nu. Nem sempre foi assim, esses processos de globalização da forma de vida moderna aos poucos foram sutilmente tomando conta do ambiente social nas diversas sociedades, mesmo aquelas mais fechadas, assim como a crença no projeto humanamente elaborado. Extensionalidade e intencionalidade estavam se expandindo na modernidade:

Tanto em sua extensionalidade quanto em sua intencionalidade, as transformações envolvidas na modernidade são mais profundas que a maioria dos tipos de mudanças características dos períodos precedentes. (Giddens, 1991, p.14)

A extensionalidade é possível graças aos sutis meios de influência nos comportamentos das pessoas, ao passo que cada mudança é prontamente inserida como hábitos comuns a todos, assumindo quase a posição de um hábito social longo, do qual materialmente se faz presente devido ao desenvolvimento dos meios materiais, tornando-se um processo natural a luz dos que veem e vivem nos ambientes sociais afetados, mudando não só materialmente, mas psicologicamente todos aqueles que se viram envolvidos nesse desenvolvimento.

Sobre o plano extensional, elas serviram para estabelecer formas de conexão social que cobrem o globo; em termos intencionais, elas vieram a alterar algumas das mais íntimas e pessoais características de nossa existência cotidiana. (Giddens, 1991, p.14)

Esses processos, aos poucos, vêm sendo absorvidos, com a dinâmica das cadeias econômicas globais e novos meios de comunicação. Tornou-se agora possível dinamizar e expandir formas e comportamentos. O mundo passava, como já mencionado, por transições em quase todos os espaços humanos, o caráter móvel

da modernidade ressoava por toda a parte, socialmente e materialmente, mas de acordo com Giddens, algo de essencial se deu nas mudanças, a saber, a separação de tempo e espaço.

O dinamismo da modernidade deriva da separação do tempo e do espaço e da sua recombinação em formas que permitem o zoneamento tempo-espaço preciso da vida social; do desenvolvimento dos sistemas sociais (um fenômeno intimidade vinculado aos fatores envolvidos na separação tempo - espaço) e da ordenação e reordenação reflexiva das relações sociais à luz das contínuas entradas (inputs) do conhecimento afetando as ações de indivíduos e grupos. (Giddens, 1991, p.26-27).

O tempo até então não era vivenciado com tamanha intensidade na vida social; as pessoas viviam, viajavam, estudavam, trabalhavam, mas o tempo não era um marcador de mudança comportamental tão forte; porém, com o advento da mensuração do tempo pelo relógio mecânico, a uniformidade da organização social foi entrando aos poucos como elemento importante no ambiente social de todos. Outro fato de importância é a perda e a diminuição gradativa do convívio comunitário entre pessoas, devido ao fato de que a modernidade fomenta a relação com pessoas imediatamente ausentes ou distantes.

O contato direto e tátil foi ocupando menos espaço no tempo das pessoas, já que novos horizontes agora surgiam e eram explorados na relação social. Com isso, a intimidade assumia agora outros horizontes, podendo em um mesmo bairro uma pessoa não ter uma relação de diálogo e convivência com outras pessoas ou mesmo com qualquer pessoa deste bairro, ao passo que o mesmo indivíduo poderia criar laços mais profundos com habitantes de um bairro mais distante. Logo, com o fomento da modernidade nas relações interpessoais, um indivíduo dispõe de maior sociabilidade com outros indivíduos que por vezes nem sequer estão presentes no seu ambiente social imediato, como aponta Giddens:

A separação entre tempo e espaço e sua formação em dimensões padronizadas, “vazias”, penetram as conexões entre atividade social e seus “encaixes” nas particularidades dos contextos de presença. (Giddens, 1991, p.30)

Além disso, a modernidade, com suas organizações e instituições como o comércio global, a globalização da imprensa e diversos outros meios, aumenta, a cada dia que passa, a “uniformização” de fatos, costumes e ideias que, em outras épocas, ficariam presos aos seus determinados contextos e aos seus lugares específicos. Agora, no entanto, os espaços são globais, as dinâmicas cotidianas têm efeito sobre grandes massas, que, com o decorrer do crescimento dos meios de

interconexão, passam a reagir e agir a diversos eventos. Sobre isso diz o autor:

As organizações modernas são capazes de conectar o local e o global de formas que seriam impensáveis em sociedades mais tradicionais, e, assim fazendo, afetam rotineiramente a vida de milhões de pessoas. (Giddens, 1991, p. 30).

A propaganda de guerra é um bom exemplo disso, já que com o advento da modernidade, os Estados conseguem não só angariar, moldar e influenciar seu próprio povo a pensar, agir e seguir determinadas ideias, comportamentos e ações contra seus inimigos declarados, como também fazer com que em âmbito global milhares de pessoas de diversos lugares, culturas, línguas e costumes diferentes ajam por esse mesmo objetivo, o que levanta a questão de controle e experimento que o advento da modernidade, como já demonstrado, trouxe.

Contudo, essas ações se tornam possível graças aos já mencionados dinamismos de espaço e tempo, advindos da experiência da modernidade. O autor indica alguns outros elementos de vital importância: o primeiro deles seria o que chama de *desencaixe*, que, nas suas palavras, “se refere ao deslocamento das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espaço”(Giddens, 1991, p.31).

Isso ressalta a questão dos deslocamentos de costumes e ideias na modernidade; como já mencionado no tocante às guerras, esses deslocamentos não só atingem lugares remotos, como também assumem novas formas conforme sua maior dinamização nesses processos. Outro ponto levantado por Giddens são as “fichas simbólicas”, que, para o pensador, são meios que estreitam e dinamizam ainda mais as conexões e relações sociais, um intercâmbio de meios, que não possuindo características de outrem, podem assumir diversos significados e adentrar a quaisquer espaços particulares.

Por fichas simbólicas quero significar meios de intercâmbio que podem ser “circulados” sem ter em vista as características específicas dos indivíduos ou grupos que lidam com eles em qualquer conjuntura particular. (Giddens, 1991, p.32)

O autor prossegue em seu raciocínio e demonstra outro elemento de *desencaixe*, o qual denomina “sistemas peritos”. No caso, esses *sistemas peritos* servem como sistematizadores de informações técnicas e têm por finalidade organizar grandes áreas do ambiente material e social. Se explorado com mais profundidade, o *sistema perito* exerce o papel oposto, transmite uma falsa confiança

nos ditames propostos, produzindo conformismo com a situação e um distanciamento dos meios e pessoas que produzem e organizam o ambiente social e material:

Um sistema perito desenha da mesma forma que uma ficha simbólica, fornecendo “garantias” de expectativas através de tempo-espaço distanciados. Este “alargamento” de sistemas sociais é conseguido por meio da natureza impessoal de testes aplicados para avaliar o conhecimento técnico e pela crítica pública (sobre o qual se baseia a produção do conhecimento técnico, usados para controlar a forma. (Giddens, 1991, p.39.)

A validação e consolidação de todo esse processo só pode ser possível por meio da confiança em tais elementos, mas qual a natureza dessa confiança? Giddens mostra porque essa questão é importante e quais são suas características. Primeiramente, de acordo com Giddens, o que garante a solidez dessa confiança é a ausência de tempo e espaço, como já argumentado, sendo a modernidade responsável em manter as relações e dinâmicas locais e globais conduzidas em um mesmo tempo, com o fluxo de acontecimentos quase instantâneo, tornando assim tudo mais impactante e ao mesmo tempo vazio.

Para que o caos não impere e torne as dinâmicas travadas e infrutíferas para uma maior expansão, é preciso *pós-confiança*. Em segundo lugar, há o *risco* e a *contingência*; em um mundo tão dinâmico, a *contingência* é quase inevitável, as possibilidades de experiência são quase infinitas. Ainda assim, os elementos de *desenchaixe*, principalmente o *sistema perito*, contrabalanceiam tudo isso. Por fim, o autor aponta que “a confiança não é o mesmo que fé na credibilidade de uma pessoa ou sistema; ela é o que deriva disso” (Giddens, 1991, p.44). Ou seja, com o crescimento rápido e contínuo da modernidade e suas dinâmicas complexas, ficou cada vez mais difícil para os cidadãos acompanharem tais processos, sendo, aos poucos, necessária a confiança em meios, pessoas, instituições, o que faz com que, a cada momento, cresça algo que, ao fim do dia, se transforma não em ciência ou racionalidade, mas em fé:

Em condições de modernidade, a confiança existe no contexto de: (a) a consciência geral de que a atividade humana - incluindo nesta expressão o impacto da tecnologia sobre o mundo - é criada socialmente, e não dada pela natureza das coisas ou por influência divina, (b) o escopo transformativo amplamente aumentado da ação humana, levado a cabo pelo caráter dinâmico das instituições sociais modernas. O conceito de risco substitui o de fortuna, mas isto não porque os agentes nos tempos pré-modernos não pudessem distinguir entre risco e perigo. Isto representa, pelo contrário, uma alteração na percepção da determinação e cada contingência, de forma que os imperativos morais humanos, as causas naturais e o acaso passam a ruínas no lugar das cosmologias religiosas.

(Giddens, 1991, p.45).

Trata-se de um ponto importante, visto que as dinâmicas sociais na modernidade passam por esses elementos presentes na fala do autor. Contudo, há outro ponto a se levantar, uma vez que a modernidade impõe essas dinâmicas de tempo e espaço. Ela apresenta algo diferente do que é comum a culturas tradicionais, isto é, aqueles em que o passado é reverenciado, determinados símbolos coletivos (ou assim compreendidos) são valorizados e ritualmente rememorados, de modo que passado, presente e futuro são bem delimitados e há uma continuidade de costumes e de certo modelo de organização social. Porém, na modernidade, passado, presente e futuro se entrecruzam de forma mais difusa, fazendo com que qualquer linearidade se torne mais turva, possibilitando assim uma reflexividade sobre as dinâmicas de inovação e informação.

A reflexividade da vida social moderna consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informações renovadas sobre estas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter. (Giddens, 1991, p.49)

O mundo moderno então passa por uma profusão de inovações, porém estas inovações, que não se limitam apenas aos meios de comunicação materiais, mas também aos costumes, que são revisados e renovam a cada momento essas práticas, tornando cada situação nova e cada passado, um possível presente, e cada presente, um possível futuro, bem como passado torna-se presente e futuro, e como menciona o autor, isso é possível pela dinamicidade das reflexões acerca das práticas da “modernidade”. Esse processo ocorre também pelas dimensões institucionais desse fenômeno; Giddens faz um sumário deste processo, no qual aponta as dimensões institucionais da modernidade como:

Industrialismo (transformação da natureza do desenvolvimento do ambiente criado). Capitalismo (acumulação de capital no contexto de trabalho e mercado de produtos competitivos), vigilância (controle de informações e supervisão social). Poder militar (controle dos meios de violência no contexto da industrialização da guerra). (Giddens, 1991 p.71).

Essa síntese feita pelo autor ajuda a dar um maior panorama sobre a abrangência do poder constituído pelas dimensões modernas aos Estados e agentes sociais, que no decorrer do tempo conseguiram de forma sutil pela evolução dos meios materiais toda uma dinâmica de organização e transformação social que centraliza neles o poder decisório e criador de normas sociais e ditames

comportamentais, tornando-se assim a perfeita imagem da tecnocracia positivista.

Todo esse percurso até aqui mostra que no avanço da modernidade se seguiram várias transformações e experimentos que circundavam para a implementação das mudanças estruturais que decorreram ao longo do tempo com as sociedades. Essas mudanças sociais atingiram em todos os meios, espaços, rotinas e hábitos humanos, que se incorporam e se transformam no processo dinâmico desse fenômeno, tornando para muitas pessoas o centro organizador de suas vidas sociais:

Em condições de modernidade, uma quantidade cada vez maior de pessoas vive em circunstâncias nas quais instituições desencaixadas, ligando práticas locais a relações sociais globalizadas, organizam os aspectos principais da vida cotidiana. (Giddens, 1991, p.91).

Para que tudo isso funcione como já mencionado, faz-se necessário *sistemas de desençaixe*, os quais ajudam a organizar e intuir tudo. Ainda assim há importância e ligação em uma segurança ontológica do ser humano, o qual tem conexão a uma fé mais primitiva na fidelidade e sustentação humana, sendo essa fidelidade e fé retiradas, é possível haver arranhões emocionais que é possível circundar como um risco possível. Giddens prepara um quadro separando os ambientes de confiança e risco nas culturas pré-modernas e modernas. Começando pelo ambiente de confiança em ambas, diz ele:

Pré-modernas, contexto geral: importância excessiva na confiança localizada.
 1. Relações de parentesco como um dispositivo de organização para a estabilizar laços sociais através do tempo-espaço.
 2. A comunidade local como um lugar, fornecendo um meio familiar.
 3. Cosmologias religiosas como modos de crença e práticas rituais fornecendo uma interpretação providencial da vida humana.
 Modernas, contexto geral: relações de confiança em sistemas abstratos desencaixados.
 1. Relações pessoais de amizade ou estabilizar laços sociais.
 2. Sistemas abstratos como meios de estabilizar relações através de extensões indefinidas de tempo-espaço.
 3. Pensamento contrafactual orientado para o futuro como um modo de conectar passado e presente. (Giddens, 1991, p.114).

Todo esse processo descrito por Giddens dá concretude a um aparato que renova e atualiza a confiança social na cultura pré moderna, da qual utilizava ainda da cosmologia religiosa como foco de interpretação da complexidade humana, com

ditames contrafactuais sendo posto como ponto de ligação entre passado e presente. Já no ambiente de risco, temos mudanças que fazem entender o processo de crescimento do poder central das organizações sociais modernas, assim como seu controle extensional dos ambientes sociais:

Pré-modernas.

1. Ameaças e perigos emanando da natureza, como prevalência de doenças infecciosas, insegurança climática, inundações ou outros desastres naturais.
2. A ameaça de violência humana por parte de exércitos pilhadores, senhores da guerra locais, bandidos e salteadores.
3. Risco de uma perda da graça religiosa ou da influência mágica humana.

Modernas.

1. Ameaças e perigos emanando da flexibilidade da modernidade.
2. A Ameaça de violência humana a partir da industrialização da guerra.
3. A ameaça de falha de sentido pessoal derivado da reflexividade da modernidade enquanto aplicada ao eu. (Giddens, 1991, p.114).

É seguro dizer que dos riscos apresentados na pré-modernidade e pela modernidade, esses últimos têm em seu cerne o mesmo centro, para a qual dá possibilidades infinitas de realizações e de medos... Sendo assim, como fez com a divisão entre confiança e risco na pré-modernidade e modernidade, Giddens também faz nesse caso:

1. Uma relação intrínseca entre as tendências globalizantes da modernidade e eventos localizados na vida cotidiana forma uma conexão dialética, complicada, entre o “extensional” e o “intencional”.
2. A construção do eu como um projeto reflexivo, uma parte elementar da reflexividade da modernidade, um indivíduo deve achar sua identidade entre as estratégias e opções fornecidas pelos sistemas abstratos.
3. Um impulso para a autorrealização, fundamentada na confiança básica, que em contextos personalizados só pode ser estabelecida por uma “abertura” do eu para o outro.
4. A formação de laços pessoais e eróticos como “relacionamentos”, orientadores pela mutualidade e autorrevelação.
5. Uma preocupação com a autossatisfação, que não é apenas uma defesa narcisista contra um mundo externo ameaçador, sobre os quais os indivíduos têm pouco controle, mas também em parte uma apropriação positiva de circunstâncias nas quais as influências globalizadas invadem a vida cotidiana. (Giddens, 1991, p.137).

Todos esses elementos buscam mostrar a relação da confiança e identidade pessoais presentes na modernidade, bem como suas possibilidades de experiência. Dada a exposição até aqui, é possível dizer que as dimensões modernas dão para o indivíduo nela inserido uma abertura a dinâmicas diferenciadas de relação, criação e comunicação da vida social e cultural, com esses movimentos temos indivíduos que guiados por técnicos, *sistemas abstratos* e *desencaixados*, tornam-se criadores de práticas que influem cada vez mais no seu próprio meio local, como também no global.

A nova dimensão alcança o patamar de realismo utópico, realismo esse que se ancora nos próprios meios sociais, tomando características utópicas ainda que alcançando as dimensões propostas; estas últimas se transformam e são reformuladas, tomando como um destino pouco alcançável ou impossível, o que não tira o fato de haver sempre, como já é comum, pessoas em determinados espaços e contextos buscando e construindo mais possibilidades para ideias e costumes novos.

Outro ponto importante a se destacar são os agentes estatais ou privados que, vendo essas possibilidades, tomam por experiências o local e global das sociedades e dimensionam suas próprias agendas de interesse, ideias e objetivos pelos meios modernos, tornando nesse processo as pessoas agentes de transformação que, no afã de ampliar sua relação de confiança e identidade, tornam ideias e sentimentos em realidades utópicas, misturando passado, presente e futuro em movimentos dantescos, possíveis só na tão complexa modernidade, a qual no Brasil ganhará ditames e dimensões peculiares.

3- MODERNIDADE BRASILEIRA E A BELLE ÉPOQUE

É chegada uma nova primavera, novos tempos estão à vista, mas ainda não concretizados, é preciso que caia o resto do velho Brasil para que um novo ressurgir. Assim aconteceu o processo da República no Brasil, uma nova visão, uma nova experiência e, claro, novos interesses forjaram o que viria a ser chamado de Belle Époque. Terra prometida por aqueles que, bem ou mal, a fariam tornar-se realidade, pelo menos em sua experiência social. Escritores, políticos, arquitetos, intelectuais e tantos outros tornaram o processo da nova Belle Époque um espelho da modernidade, mas essa modernidade, assim como outros movimentos no Brasil, assumiu contrastes próprios, contrastes esses que mostrariam os aspectos contraditórios do projeto moderno. Eis a importância de um autor que ajudará nesse segundo passo do presente trabalho, refiro-me a Nicolau Sevcenko e sua *Literatura como Missão*, livro de grande importância para a compreensão da nossa complexa realidade.

Essa nova realidade não viria de forma orgânica, mas de forma compulsória, pois, com o advento da primeira República, vieram as crises de todas as espécies,

sendo uma delas de cunho político ,conforme aponta Sevcenko: “O advento da ordem republicana foi marcado também por uma série contínua de crises políticas – 1889,1981,1893,1897,1904“ (Sevcenko,1995, p.24). Homens novos, novos sonhos, novas experiências, a guerra política se espalhava em meio aos espólios do antigo reinado, e no centro disso estava o Rio de Janeiro que se tornaria em pouco tempo o espelho da nova época.

Com o crescimento do Rio, todas as estruturas e o comércio começaram a se mover para a nova e tão ambicionada primavera; com isso as regiões Nordeste e Norte começaram também a serem integradas ao “futuro”. O comércio de cabotagem nessas regiões a partir do Rio só crescia, a cidade espelho tornou-se o maior centro comercial do país. O luxo aumentava, assim como as senhoras e senhores de bem vestir, com isso os diversos grupos políticos já começavam a ver que para atingir um novo estágio “civilizacional”, era preciso deixar o passado a ver escombros, colocando dessa forma a estrutura urbana do antigo Rio de Janeiro em ruínas.

O antigo Rio de Janeiro, que se encontrava em meio a tantas convulsões políticas e sociais, via-se em estado insalubre, ainda assim, em velhas estruturas encontravam-se moribundos, população de menor poder aquisitivo, bem como costumes e culturas populares presentes em becos e vielas. Contudo, o progresso não podia parar, um aspecto inicial desse progresso vinha por meio do acompanhamento do ritmo e desdobramentos da economia europeia, e com as agitações de 1897 tendo extinguido os focos de resistência do império carcomido, as portas estavam abertas.

Mas foi em 1904, com a inauguração da Avenida Central e criação da lei da vacina obrigatória que os passos largos se transformaram em uma corrida para o futuro – regeneração de tudo era a prioridade, casarões coloniais e imperiais morriam, bem como seus mestres de obras que passavam a tão tradicional arquitetura colonial, emergindo assim novas estruturas. Era preciso revolucionar e experimentar em tudo, a originalidade era a ordem do dia. Nesse meio estava a sociedade “tradicional” e todo e qualquer elemento de cultura popular, que seriam, em última instância, apagados, como aponta Sevcenko:

Modelando-se essa sociedade, como seria de se esperar por um critério utilitário de relacionamento social, não é de se admirar a condenação veemente a que ela submete também certos comportamentos tradicionais, que apareciam como desviados diante do novo parâmetro, como a serenata e boemia. (Sevcenko,1995, p.32).

Nasce assim uma nova etapa, a da modernização das pessoas, com essa etapa, nasce também uma nova burguesia que de ruínas carcomidas da monarquia, surge como um novo caminho para o futuro. A modernização das pessoas era um relógio que, com o passar dos dias, meses e anos, esganava aqueles que se faziam presentes no ambiente do novo oásis sem a ele se adequar, uma experiência de construção social, do ser “moderno”, e de como ele deve se vestir e se portar, a burguesia sentia agora o gosto de poder impor o novo experimento.

Para isso foram usados todos os métodos, sendo o primeiro deles a criação de uma lei com obrigatoriedade no uso de paletó e sapatos em ambientes públicos no centro da cidade, outro método foi a espoliação cultural por meio de jornais como o *Jornal do Commercio* ou a publicação *Fon-Fon* que apelavam para a incapacidade de adequação por meio das pessoas, causando em pouco tempo crises de habitação e um deslocamento que mais tarde impôs aos que ali moravam a submissão à condição de coisa. Esse movimento apresenta diferença se comparado ao que foi a independência, quando as elites tinham por objetivo a busca de uma identificação até mesmo com os grupos nativos, como índios etc... Mantendo assim uma vontade da busca pela brasilidade.

Em contrapartida, a burguesia que agora emergia tinha em seu cerne o afastamento da relação com nativos e quaisquer coisas que lembrasse atraso social, econômico e “civilizacional”, criando organizações que a todo momento tinham por intenção, afastar, camuflar, desacreditar e até mesmo descaracterizar pessoas que não se integrassem à Belle Époque. Liga contra os feios, liga da defesa estética, tudo isso representava passos de experiência e mudanças dos rostos daqueles que até então não eram tidos como coisas. Os intelectuais logo se juntaram a esse processo como ponto aglutinador e pensante do “progresso”, o que viria a ser chamado por Sevcenko de “A república dos Conselheiros”.

Está última com sua busca de progresso e transformação tinha por intuito a organização do que comumente se chamava de “Estado-nação”. Esse Estado-nação brasileiro moderno, tão desejado pelas elites se via agora colocado como El Dorado a se buscar, pois a despeito dos processos descritos até então, não cessaria em seu objetivo. No que diz respeito aos quadros humanos que estavam no poder ditando as correntes culturais dominantes que, assim como todo processo da República, se viam em contradições e disputas, é de se ressaltar o ânimo que iluminava algumas

dessas mentes:

Instituições liberais, distinguidas como o próprio corpo e espírito do cenário cosmopolita mundial montado nesse período. Resultado sem dúvida de uma nova síntese restauradora da corrente de pensamento que nutria todo o processo de remodelação das sociedades européias do século XIX. (Sevcenko, 1995, p.48).

Racionalidade, fortuna, paz e felicidade eram os lemas vistos ao longo do cais – progresso à vista era o que se observava estampado por todos os lados, junto a isso uma aura de ciência que pairava por todo lugar, e principalmente naqueles que escreviam as estruturas do “Estado-nação moderno brasileiro”. A Europa ficava ali, é o que se imaginava, porém os entraves de conseguir simular uma economia estritamente moderna igual à europeia eram desafiadoras, principalmente a sua forma de sociedade como um todo. Começavam a aparecer rachaduras e tensões, e as elites agrárias dariam um exemplo, como nos informa Sevcenko:

As elites agrárias, beneficiárias e procedentes da tradicional divisão internacional artificial do trabalho, constituíam um sistema oligárquico semifechado, que, de conformidade com círculos plutocráticos urbanos, monopolizavam os postos derivativos e as atividades mais rendosas. As oportunidades restritas que o crescimento do sistema oferecia eram alvo de uma rude concorrência pelas amplas camadas urbanizadas, reforçando comportamentos agressivos e desesperados de preconceitos e discriminação. (Sevcenko, 1995, p.50).

O sonho liberal se encontrava em meio a sombras que pairavam à espreita para usurpá-lo. As convulsões sociais aumentavam, o Estado que estava presente em tudo tomava para si todos os empregos de caráter técnico; patrimonialismo, nepotismo, tudo isso tornava a submissão pessoal algo concreto em toda a nação, sendo o oposto à lógica liberal vigente à época. Isso tudo envolto em estruturas sociais autoritárias presentes em regiões interioranas do país que sustentavam o Estado-nação de coração carioca, mas nos becos, prédios e demais lugares se formavam tensões, essas que iriam se transformar em um inferno social que logo chegaria aos conselheiros da República e demais adeptos da Belle Époque que já podiam ver as pessoas comuns sentirem um pouco do “crescimento”, conforme nos afirma o autor:

Carência de moradias e alojamentos, falta de condições sanitárias, moléstias (alto índice de mortalidade), carestia, fome, baixos salários, desemprego, miséria: eis os frutos mais acres desse crescimento fabuloso e que cabia à parte maior e mais humilde da população provar. (Sevcenko, 1995, p.52).

Por mais indiferente que fosse a elite diante das mazelas sociais, era muito perigoso deixar essa convulsão infernal crescer ainda mais e ameaçar seu poder há pouco tempo estabelecido, um raciocínio simples de se fazer; porém, não deve se subestimar a elite brasileira em violência e falta de escrúpulos, pois a administração Campos Salles implementou uma política de contenção de gastos, oneração de funcionários e implementação de impostos de consumo. O progresso era para poucos, mas as consequências eram para muitos, como mostra o autor:

Contudo, não só a carência de domicílio, mas também a situação de desemprego caracterizava a vagabundagem deleitosa. Ora, na condição de elevado índice de desemprego estrutural e permanente sob que vivia a sociedade carioca, grande parte da população estava reduzida à situação de vadios compulsórios, revezando-se entre as únicas práticas que lhes restavam: o subemprego, a mendicância, a criminalidade, os expedientes incertos. (Sevcenko, 1995, p.59).

Já não se podia mais conter tanta convulsão social, ainda que as elites usassem de policiamento ostensivo no centro da cidade. Os contrastes e contradições da modernidade e do capitalismo estavam expostas, e essas contradições e disputas já se faziam presentes em todos os lugares e em todas as pessoas; intelectuais como Olavo Bilac já denunciavam as circunstâncias grotescas presentes no interior do processo, alcoólatras, prostitutas, delinquentes faziam parte da efervescência do processo compulsório de inserção na Belle Époque, o mais assustador era o aumento de internações manicomiais:

No ano de 1889, registrou-se 77 entradas no Hospício; esse número subiu para 490 em 1890, caracterizando um crescimento de 646% e elevando-se para 5546 em 1898, ou seja, um aumento de 1113%. (Sevcenko, 1995, p.62).

A Belle Époque cobrava seu preço, a tentativa compulsória de implementar a forma “moderna” a qualquer custo estava causando a destruição em várias escalas dos que deveriam ser os “homens modernos”, uma sociedade feita por loucos, que estava enlouquecendo todos, e ainda podia piorar, como aponta Sevcenko: “E esse circo de horrores se fecha com a crônica dos suicidas, prática tornada endêmica e caracterizada como uma espécie de febre intermitente que ataca a população do Rio”. (Sevcenko, 1995, p.62).

No meio de toda essa loucura generalizada, no meio do caos, doenças, mortes, pobreza, miséria, promiscuidade estavam os jacobinos, remanescentes do

antigo império que a todo custo buscam um retorno à hegemonia, usando, como é historicamente verificável da elite brasileira, a miséria alheia como ponto de ruptura e implementação dos seus objetivos políticos e de suas experiências sociais, e do outro lado a República recém-formada que lutava para que os seus interesses e visão de mundo continuassem sendo implementados.

É de se ressaltar que, no meio desses, havia intelectuais de boa estirpe e intenção, por exemplo, Lima Barreto e Euclides da Cunha que agiam para atingir um norte salutar para todos. E nesse sentido, para um maior aprofundamento e compreensão do quadro, que seguimos o caminho de José de Souza Martins em sua obra *A sociedade do Homem Simples* (2000), que para além de apontar aspectos importantes da modernidade brasileira, mostra, por meio da vida cotidiana, um novo ponto de vista do processo da modernidade.

O processo da modernidade, sempre colocado do ponto de vista dos intelectuais, políticos e escritores, pouco ou nada é olhado a partir da visão popular e da perspectiva cotidiana. Martins, por outro lado, faz essa ponte, não menos cruel e realista deste processo; afinal a visão presente das consequências e até mesmo dos seus acertos é assombrada por uma cortina escura de cunho teórico, como aponta o autor:

As misérias, como o desemprego e o subemprego, os valores e as mentalidades produzidas pelo desenvolvimento dependente são parte integrante da modernidade, embora de um ponto de vista teórico não façam parte da modernidade. (Martins, 2000, p.18).

Essa afirmação de Martins é corroborada pelo processo descrito até o presente momento, assim como aqueles que se imbuem do propósito de implementá-lo, ainda que a indiferença estejam presentes nesses atores, o abismo entre a sua teoria e sua ação no mundo real os impede de perceber em todas as vertentes a devastação causada por essa experiência, como explica Martins:

A modernidade só o é quando pode ser ao mesmo tempo o moderno e a consciência crítica do moderno; o moderno situado, objeto de consciência e ponderação. A modernidade, nesse sentido, não se confunde com objetos e signos do moderno, porque a eles não se restringe, nem se separa da racionalidade de que criou a ética da multiplicidade do capital que introduziu na vida social e na moralidade mesmo do homem comum, o cálculo, a ação social calculada na relação de meios e fins, a reconstituição cotidiana do sentido da ação e sua compreensão como mediação da sociabilidade. Refiro-me à ética, que fez do sujeito um objeto, inclusive um objeto de si mesmo, o sujeito posto como estranho em relação a si próprio. (Martins, 2000, p.18-19).

Essa observação do autor é a descrição do que acontecera aquele momento, os intelectuais, as elites, e demais agentes não percebiam que, ao transporem de forma unilateral a Belle Époque, estavam esquecendo daqueles abandonados ao relento que esperavam serem integrados a essa “nova” sociedade. Em nenhum momento houve um plano, para além do que a elite tinha para si, nenhum que buscasse despertar as consciências para tal projeto de “futuro” – o que se tinha era imposição. Sem fazer isso, restava aos desalentados o papel de ratos de laboratório que, aos poucos, no seu íntimo e cotidiano, se valeram de um instinto de sobrevivência física e psicológica (a lógica da vida material moderna), com o foco em conquistar, mesmo sob duras penas, o tão sonhado progresso, e, caso não, amargar o fracasso retumbante.

Todo este movimento descrito justifica de forma clara também o aumento das internações em hospícios e suicídios, tamanha pressão em meio àquele caos era para aqueles que lá estavam uma cruz maior do que podiam carregar. Certamente tudo isso, ainda que de forma distorcida, foi percebido pelos agentes que estavam no centro deste processo, mas como também a modernidade traz um certo cinismo dialético, por vezes viabiliza lutas e pressões que são causadas por ela mesma, e direciona uma nova roupagem do que é, como fim e solução, a própria modernidade, segundo Martins:

A modernidade é, num certo sentido, o reino do cinismo: é constitutivo dela a denúncia das desigualdades e dos desencontros que a caracterizam. Nela, o capitalismo se antecipa à crítica radical de suas vítimas mais sofridas. Por isso, a modernidade não pode deixar de conter (manipular) reconhecíveis evidências dos problemas e das contradições de que ela é expressão. (Martins, 2000, p.24).

Um lumpen que quanto mais tenta sair, mais se afunda; e a modernidade que seria para alguns o reino da racionalidade, traz ao homem contemporâneo não uma racionalidade que por vezes parecia ilimitada, mas sim um leque de problemas com saídas inconclusivas e complexidades, sendo percebida assim pelo homem comum. Porém, é inevitável que isso aconteça à nação brasileira. Do ponto de vista histórico éramos e somos uma nação jovem, que ainda estava buscando sua identidade.

Assim sendo colocados no meio deste processo moderno que apresenta uma conjuntura de caminhos e problemas não previstos e soluções que, quando se apresentam, são na maioria vezes novos conjuntos de dificuldades. É possível assim entender a diferença do processo europeu e brasileiro da Belle Époque. Aqui, antes

de formar uma consciência, o homem contemporâneo brasileiro deve, em última instância, sobreviver e progredir em uma lógica materialista de pura coisificação. Um homem objeto, ou um objeto homem, eis a dúvida instalada, que também se faz presente no argumento de Martins:

É na travessia, na passagem, no inacabado e inconclusivo, no permanente incompleto, no atravessar sem chegar, que está presente o nosso modo de ser – nos perigos do indefinido e da liminaridade, por isso viver é perigoso. E mais do que tudo, é nessa idéia de uma consciência literária das duplas, das formas do falso, dos avessos, do desenvolvimento entre forma e conteúdo, expressão do inacabado e inacabável, que está também posto o nosso justo medo da travessia, nossa condição de vítimas, mas do que de beneficiários, da modernidade. (Martins, 2000, p.25).

Como já mencionado, o Brasil é um país que do ponto de vista histórico é de formação recente; por esse motivo, a nossa história, bem como nossas conquistas, ainda estão em processo de consolidação, nosso passado, mesmo cheio de glórias e feitos, para muitos, principalmente o homem mais brutalizado, não é consistente o suficiente para dar sustentação a uma viagem em alto mar, principalmente no mar da modernidade, cujos caminhos e redemoinhos se perdem ao horizonte.

Assim o homem contemporâneo brasileiro que se formava vivia e ainda vive uma espécie de presente contínuo, o qual toma forma de passado e futuro, não lhe dando assim a concretude em seguir sem o medo do que acontecerá depois. Medo e angústia, sendo as condições presentes na sobrevivência e adequação, agravaram ainda mais esse processo psicótico instaurado na Belle Époque, do qual muitos brasileiros de criatividade foram esmagados e esquecidos. Porém, os intelectuais brasileiros conseguiram em certo momento perceber, ainda que de forma tardia e passiva:

A referência da compreensão crítica, brasileira e latino-americana, da modernidade, na arte, na literatura, nas ciências sociais, tem esse confronto entre o novo ser padrão lógico racional e secularizado, de um lado, e aquilo que a tradição nos legou, as obras do passado, que são também as sobras, o irrelevante, do incapturável pelos mecanismos de dominação e de exploração. Esse tem sido o método que nos revela o que o moderno tem de posição, de estranho e de “estrangeiro” em relação a nós. (Martins, 2000, p.28-29).

Uma luta do passado ainda não formado, do presente em metamorfose e do futuro que não chega mais sempre muda, isso era o que acontecia no cotidiano do homem contemporâneo brasileiro, que dentro da proposta de modernidade imposta pelos agentes intelectuais, econômicos e das demais vertentes brasileiras, se via enclausurado entre aquilo que podia ser e aquilo que ainda não era, um processo de

internação compulsória, tantos dos que propunha, com sua obrigação de realizar sua utopia “moderna” seguida quase como divina, quanto para os que nela tinham de participar. Pois bem, quem melhor viu tudo isso, e condensou de maneira genial foi Machado que em *O Alienista* mostrou todas as facetas dessa tão sonhada Belle Époque.

4- O ALIENISTA

É chegado o momento de analisarmos de forma específica *O Alienista*; assim como Machado o escreveu, ele pode e deve ser abordado como o que é, um texto de diversas faces e horizontes; cômico, sério, científico, moral, numa fusão de tudo isso, fusão que só o texto machadiano pode dar sentido e fulgor. Outro ponto notável é que a obra, em todos os casos, é uma espécie de distopia à moda machadiana, que transplanta o cientificismo da época à pequena cidade de Itaguaí, onde a ordem e a temperança serão estabelecidas logo mais pelo desconhecido Simão Bacamarte, o gênio fáustico de Machado.

É então que se monta todo o clima para a jornada do grande desbravador de mentes de Itaguaí, mas, como foi apontado há pouco, a obra, por vezes vista como distopia moderna, tem suas peculiaridades, como por exemplo a dissonância entre moral em vista do bem e moral em vista da ordem social. Questões colocadas à mesa, passamos a uma análise mais detida.

Itaguaí era uma cidade pequena, com seus problemas, mas uma cidade normal; assim, não foi nada comum a reação das pessoas ao descobrirem que um homem de tão elevado intelecto e moral se mudaria para lá, no limiar da ciência e com paixão e disposição para mudar o status quo lusitano e brasileiro. Vem ele, tão grandiosa figura, Doutor Simão Bacamarte. Suspeitando de loucos, e sendo ele a única autoridade em tal ramo naquela cidade, o médico, incumbido dessa tarefa quase divina, investiga a presença de loucos. Era hora de erguer a Casa Verde e buscar os meandros e raízes deste problema tão sério, a loucura, como bem diz o cientista em resposta ao Sr. Soares:

O principal nesta minha obra da Casa Verde é estudar profundamente a loucura, e seus diversos graus, classificar-lhes os casos e descobrir enfim a causa do fenômeno e o remédio universal. Este é o mistério do meu coração. Creio que com isto presto um bom serviço à humanidade. (*O Alienista*, 2014, p.24).

Desde o primeiro momento nota-se o tom messiânico do personagem. Ele está proclamando a todos seu propósito de vida, sua sina, a qual ele abraça sem medo e sem hesitar; outro ponto que chama atenção é que, já no início da obra, nosso querido Machado, na figura de Bacamarte, tece várias citações e menções às tradições religiosas do cristianismo¹ e islamismo², mostrando que no limiar de sua vocação o doutor desde sempre se sentiu não um simples humano, mas alguém abençoado e escolhido por Deus, tecendo Machado uma crítica velada à prepotência assumida por alguns precursores da “ciência” – embora sendo eles mesmos criadores do caos e depois os responsáveis por tentar estabelecer a ordem, ordem essa baseada na loucura e indiferença – e levantando a possibilidade, já no início da obra, de tomar Bacamarte como outro possível louco. Assim é de ressaltar o apontamento de Augusto Mayer ao analisar, em sua obra *Ensaios Escolhidos* (2010), a obra e vida de Machado. Mayer, no caso, percebe um ponto fulcral da perspectiva de criação do mal e experiências presentes na obra, o qual contrasta também com as características do nosso doutor. Diz o ensaísta: ¹

O mal começa com a consciência demasiadamente aguda, pois o excesso de lucidez mata as ilusões indispensáveis à subsistência da vida, que só pode desenvolver-se num clima de inconsciência, a inconsciência da ação. (Mayer, 2010, p.165).

¹“Como fosse grande arabista, achou no Corão que Maomé declara veneráveis os doidos, pela consideração de que Alá lhes tira o juízo para que não pequem”. (MACHADO DE ASSIS, 2014, p. 22).

² “– A caridade, Sr. Soares, entra decerto no meu procedimento, mas entra como tempero, como sal das coisas, que é assim que interpreto o dito de São Paulo aos coríntios: “Se eu conhecer quanto se pode saber, e não tiver caridade, não sou nada”. (MACHADO DE ASSIS, 2014, p. 23).

Bacamarte sofre disso, desde sempre, suas intenções, ainda que camufladas de “boas intenções”, são ancoradas no instinto de descoberta pela descoberta, de análise pela análise. Embora vendo a si próprio como um grande cientista, ele deixa-se levar, como citado no início, pelo espírito fáustico, o qual provocado pela ambição de um prazer sem igual, que não deixa em seu antigo eu qualquer resquício de princípio quanto à investigação e experimentação, parte agora para a experiência nua e crua, sem barreiras ou princípios, apenas o prazer da busca tautológico, ainda que na prosa machadiana o personagem negue a todo momento e use de ambiguidade e cinismo em suas palavras, claro, abrandadas e disfarçadas pela

sutileza singela do bruxo do Cosme Velho, é muito difícil não observar esse elemento, o qual Meyer descreve melhor em outro parágrafo:

A impotência sentimental do sarcasta, por uma fatalidade da compensação afetiva, produz uma violenta paixão de análise. Quando o monstro cerebral descobre o “mundo da lua” que há na própria cabeça, se estabelece por lá e não quer outra vida. A sua paixão tem a monotonia mas também a sedução acre de um vício, pois o espírito então se masturba com uma espécie de volúpia incestuosa. (Meyer, 2010, p.166).

O cientista carrega a todo momento isso, em questionamento a si a cada novo processo, ele no limiar da loucura, entra e sai do seu próprio mundo da lua, causando no trajeto experimentos e caos, sendo claro então a perspectiva de sociedade como experimento proposta como linha de análise por esse trabalho. Contudo, essa criatura facetada possui um pouco do próprio Machado, como aponta Mayer:

Havia em Machado de Assis esse amor vicioso que caracteriza o monstro cerebral, a volúpia da análise pela análise, mas havia - também - nisto vejo o seu drama consciência da miséria moral a que estava condenado por isso mesmo, a esterilidade quase desumana com que o puro analista prega o privilégio de tudo, criticar e destruir. (Meyer, 2010, p.166).

Certamente Simão tem esse elemento presente em si. Ainda que dominado pelo espírito fáustico e a loucura, ele em certos momentos mostra nobreza com os outros e consciência moral de suas ações. Todavia, não pode negar a sua sanha perversa e seu desejo por experimentar, embora não consiga vislumbrar os resultados posteriores, como podemos ver em conversar com o Sr. Soares, diz ele:

Trata-se de coisa mais alta, trata-se de uma experiência científica. Digo experiência, porque não me atrevo a assegurar desde já a minha ideia, nem a ciência é outra coisa. Sr, Soares, senão uma investigação constante. Trata-se, pois, de uma experiência, mas uma experiência que vai mudar a face da terra. A loucura, objeto dos meus estudos, era até agora uma ilha perdida no oceano da razão, começo a suspeitar que é um continente. (O Alienista, 2014, p.34).

Eis que o grande sentimento fáustico do cientista se revela, não sabe aonde chegar, mas sabe que tem de ser ele quem deve procurar essas respostas. Nesse momento Bacamarte já está imbuído de um espírito messiânico, que ele já não consegue dissociar de sua prática “científica”, como visto na sua explicação ao Sr. Soares, diz o Dr. Simão:

Supondo o espírito humano uma vasta concha, o meu fim, Sr. Soares, é ver se posso extrair a pérola, que mede os limites da razão e da loucura. A razão é o perfeito equilíbrio de todas as faculdades, fora daí insônia, insônia, e só insônia. (O Alienista, 2014, p.36).

A prepotência do Dr. Bacamarte mostra uma representação e aura também presente no pensamento cientificista da época, que no decorrer de sua evolução passou a ditar não só os ditames do que deveria ser a “ciência”, mas também comportamentos e por vezes até sensações, revelando dessa forma um caráter autoritário que Machado conhecia e ao qual era cético. Esse pensamento da época é ilustrado no famoso ensaio de Roberto Schwarz, “As ideias Fora do Lugar”, que se faz presente no seu famoso livro *Ao Vencedor As Batatas* (2012), no qual ele analisa o ambiente e ideologias presentes na época, bem como o começo da trajetória machadiana. Sobre o ambiente à época, diz ele:

Em matéria de racionalidade, os papéis se embaralhavam e trocavam normalmente: a ciência era fantasia e moral, o obscurantismo era realismo e responsabilidade, a técnica não era prática, o altruísmo implantava a mais valia. (Schwarz, 2012, p.15).

Esse ambiente foi transposto de forma magistral por Machado. Itaguaí vive a fantasia e moral, o obscurantismo e a busca da realidade, contudo isso é distorcido em um verdadeiro caldeirão de absurdidades que emergem das colocações de Bacamarte e da sátira do bruxo do Cosme Velho. O caso do senhor Costa é um bom exemplo, pois, ao herdar uma herança que lhe permitiria viver sob sombra e água fresca pelo resto da vida, de repente se põe a emprestar dinheiro de forma desenfreada a todos que o solicitem, sem juro e mais explicações.

Nesse ponto entra uma sequência de explicações do narrador sobre esse personagem, essas explicações vão mostrar como a atitude do senhor Costa em relação a confiar e dispor seu dinheiro a estranhos o torna um louco aos olhos de todos. Isso mostra que, em Itaguaí, quaisquer gestos e ações que se dissociarem ao viver materialista proposto na Belle Époque e na modernidade de acumulação e produção excessiva eram sinônimo de obscurantismo ou loucura. Isso demonstra como o autor sentia o ambiente da época e como ele, por meio de *O Alienista*, tentava mostrar tal experimento social. O senhor Costa com os empréstimos e as negativas de pagamento dos comodatários, aos poucos foi definhando e perdendo seu prestígio, visto a conexão de moral e dinheiro na pequena cidade. Mas foi em um último empréstimo feito que o senhor Costa teve seu destino selado, como aponta

Machado:

Um verme, entretanto, roía a alma de Costa; era o conceito do desafeto. Mas isso mesmo acabou; três meses depois veio este pedir-lhe um cento e vinte cruzados com promessa de restituir-lhos daí a dois dias, era o resíduo da grande herança, mas também uma nobre desforra; Costa emprestou o dinheiro logo, logo e sem juros. Infelizmente não teve tempo de ser pago; cinco meses depois era recolhido à Casa Verde. (O Alienista, 2014, p.40).

A tentativa frustrada de ser um bom cidadão e homem de estima pelo senhor Costa tem um ponto peculiar, ao tentar sair do padrão de convivência social e de racionalidade estabelecido na pequena Itaguaí, a pressão dos demais e a sanha de controle e experimento do nosso Doutor o esmaga, esse ponto ressaltado demonstra como a modernidade presente e proposta na Belle Époque já trazia em seu âmago o totalitarismo e o controle, juntos na mesma perspectiva de uma sociedade de experimentos e reações controladas. A situação passada pelo senhor Costa é descrita por Schwarz, quando este analisa e descreve o processo de colonização e seus efeitos na formação social brasileira tão bem estampado nos cidadãos de Itaguaí e na sua atitude em relação à Costa. Diz-nos o autor:

Esquemmatizando, pode-se dizer que a colonização produziu, com base no monopólio da terra, três classes sociais de população: o latifundiário, o escravo e o “homem livre”, na verdade dependente. Entre os primeiros dois a relação é clara, é a multidão dos terceiros que os interessa. Nem proprietários nem proletários, seu acesso à vida social e a seus bens depende materialmente do favor, indireto ou direto, de um grande. O agregado é a sua caricatura. O favor é, portanto, o mecanismo através do qual se reproduz uma das grandes classes da sociedade, envolvendo também outra, a dos que têm. (Schwarz, 2012, p.16).

A classe dos que têm é certamente o lugar a que o senhor Costa não queria pertencer; em sua cabeça toda essa riqueza de nada adiantava se não tivesse um prestígio e um respeito social, ainda que seu medo de desavenças estivesse ligado à sua preocupação social exterior acerca da opinião que os cidadãos de Itaguaí poderiam ter sobre ele. O contraste entre ele e os demais, no que concerne aos atos claramente interesseiros, é uma tentativa cômica e hiperbólica de mostrar a impregnação da Belle Époque e de suas contradições na sociedade brasileira.

Na esteira dessa discussão, temos outro olhar sobre as contradições e as perspectivas que perpassam a pequena Itaguaí; John Gledson, exímio estudioso e observador do mundo e perplexidades machadianas, apresenta um olhar singular no tocante a fase machadiana. Em sua obra *Por um novo Machado de Assis* (2019), Gledson, no segundo capítulo intitulado “A história do Brasil por meio de *Papéis Avulsos*”, tenta de forma refinada demonstrar tais contradições e sutilezas, por

exemplo, em sua análise do conto “Verba testamentária”², do qual faz magistralmente a ponte para apontar, em mais dois contos – sendo estes “O Espelho” e o dito “O Alienista” –, as conexões internas dos tratamentos literários que cada um deles faz da situação brasileira. Em “Verba testamentária”, no decorrer dos acontecimentos históricos, que se passam no intervalo do século XVIII ao ano de 1855, com a morte do personagem Nicolau, Gledson aduz que o autor satiriza os primeiros anos de independência que, segundo ele, vivem de aspirações democráticas e absolutistas.

Ao ressaltar o conde Resende, que aumenta impostos em consonância com as práticas populares por monarquias absolutistas, de criar e vender prestígio (honrarias), Gledson cita nossa novela em destaque, segue o fragmento “é uma maneira “profundamente filosófica” de angariar dinheiro, dependente como é de orgulho, da inveja e do gosto por uniformes vistosos” (Gledson, 2019, l.1024). Esse paralelo feito por Gledson busca, em lupa, transpor a mentalidade de aspirações democráticas e absolutistas da época, como também a impregnação contraditória da disputa dos pilares corroídos da monarquia e o advento da mentalidade materialista e experimental crescente no seio da sociedade brasileira, bem descrita no caso *sui generis* do senhor Costa e a relação de interesse dos habitantes para com ele. Essa relação, de certa forma, traz em sutilezas o aumento do viés autoritário presente no período colonial agora transposto a relações cotidianas, relações estas que são decorrências de condições materiais, como mencionado por Schwarz, ao indicar os 3 tipos de classe que a colonização produziu e que fazem parte da construção do poder. Sobre essa formação do poder diz Gledson:

O tema desse conto é, no mínimo tão político quanto filosófico e, tal como “Verba testamentária ” mostra que o modo como o poder é exercido no Brasil tem suas raízes no período colonial. É durante esse período que o dr. Bacamarte, “o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas” (50 C, 38) – apesar de produto de Coimbra e Pádua, que dificilmente estariam na vanguarda da ciência médica no século XVIII –, consegue ser rei em terra de cegos (Gledson, 2019, l.1169).

² Nicolau B. de C é uma representação dos conflitos entre visões de um novo mundo (democracia a luz da Belle Époque e absolutismo monárquico), a mediocridade presente nessas contradições, e toda a carga materialista que rodeava os cidadãos e o antro empobrecido que pairava por desejos. Nicolau B.de C é uma perfeita deformação de ambas as ideologias.

E consegue ser rei devido a sua imagem, títulos e ideias, que, como já discutido há pouco, são condições que levam mesmo um indivíduo mentecapto a ser tratado como gênio ou rei. A mentalidade puramente materialista e voltada às aparências certamente impregna a conduta dos que nela se agarram, tornando cada vez mais o campo social um antro de pessoas arrivistas, desprovidas de valores morais e personalidades fortes, algo que Machado delineia também em outros

textos, como “Teoria do Medalhão”, em que a superficialidade e dissimulação são a regra do sucesso, esmagando qualquer ideia oposta, mesmo as geniais. Sobre isso diz o crítico:

A lógica histórica é impecável: confrontado com a falta de figuras realmente representativas dentro da tradição histórica brasileira (nem d. Pedro I nem José Bonifácio representam devidamente os papéis exigidos), ele usa duas figuras representativas de uma tradição histórica paralela (e contrastante, claro). Se isso for verdade – e a ideia é tentadora –, a mensagem é a mesma de “Verba Testamentária”: o fracasso inevitável e a trivialização de grandes ideais no ambiente medíocre e pejado de clichês do Brasil (Gledson, J. 2019, l.1177).

Essas passagens vêm corroborar a contraditória e complexa realidade representada por meio dos contos em *Papéis Avulsos*, mais especificamente em *O Alienista*, como uma convulsão de ideias, com linhas de raciocínio se embatendo nessa época: ponto em que convergem as propostas de Schwarz e as de Gledson no que tange a elementos de autoritarismo, formação social e política. Trata-se, pois, de um foco de luz projetado sobre o entendimento da novela e das experiências em sociedade da época que ela busca representar.

A discussão acerca do princípio ético e estético que se faz presente por meio do senhor Costa é algo também a se destacar. A presença de certa dualidade; por um lado, empresta dinheiro e mostra boa vontade e confiança com o próximo, por outro, a vontade estética de não ter desavenças e se mostrar como um homem sem desafetos traz outro polo dessa dualidade. Nesse sentido é também uma forma de experimento demonstrada no texto, a tensão das preocupações estética e ética em contraste com os valores e mundividência da Belle Époque. Para essa perspectiva são importantes as contribuições de Mário Vieira de Mello e seu *Desenvolvimento e Cultura* (2022), obra em que analisa todo o problema da formação intelectual, cultural e ética presentes no Brasil, bem como o problema do esteticismo. Ao ressaltar as circunstâncias que ameaçam a cultura de um país, Mello chama atenção para um ponto importante, diz ele:

Mas a verdade é que em momento algum a cultura de um país estaria mais ameaçada do que quando perdesse de vista os seus pressupostos éticos, em virtude de máscaras e disfarces estabelecidos por teorias que se atribuíram um caráter de ciência. (Mello, 2022, p.102).

Essas máscaras a que alude Mello estão presentes nos cidadãos e nos personagens que disputam a narrativa da história, suas ações, não obstante imbuídas disfarçadamente de um caráter científico e racional, são atitudes de caráter político, ideológico e egoísta. No caos que se instala, quem mais demonstra aparência de racionalidade e ética se sobrepõe aos outros. E quem mais personifica isso senão o nobre Dr. Bacamarte? Essa personificação se faz evidente quando, questionado pelo público, o personagem responde:

Meus senhores, a ciência é coisa séria, e merece ser tratada com seriedade. Não dou razão dos meus atos de alienista a ninguém, salvo aos mestres e a Deus. Se quereis emendar a administração da Casa Verde, estou pronto a ouvir-vos, mas se exigir que me negue a mim vós, em comissão dos outros, a vir ver comigo os loucos reclusos; mas não faço, porque seria dar vos razão do meu sistema, o que não farei a leigos, nem a rebeldes. (Machado de Assis, 2014, p.55).

A equidistância colocada pelo doutor mostra como as críticas, posições e reclamações são a seus ouvidos apenas devaneios de tolos e incautos, todavia, em sua suposta atitude benevolente se oferece para mostrar aos incautos todo o processo de descoberta e experimentos conduzidos até então. Essa atitude alude a um pai que vendo seu filho fazer reclamações sobre comportamentos que não consegue entender, compele então ao pai explicar e iluminar a mente do filho.

O cientista a essa altura já está dissociado da realidade, seu espírito fáustico já tomou conta de si, sendo assim nem mesmo os cidadãos, o padre e até sua esposa conseguem convencê-lo do contrário, sua busca produz seu experimento, seu experimento por sua vez forja sua ética, criando e recriando novas regras e condutas sociais nascidas das consequências de suas próprias práticas epistemológicas. Esse caráter de via estetizante e experimental é apontado também por Mello, quando se refere à psicologia social do brasileiro.

O brasileiro não é uma ilustração da bondade natural do homem de Rousseau, mas tampouco um representante típico da humanidade tal como a imaginou Maquiavel. A sua concepção de bondade, de generosidade, de cordialidade não é nem falsa nem sincera - é estética - isto é, consiste numa apreensão dos valores bondade, generosidade, existencial para que esses valores se traduzam em atos verdadeiramente bons, generosos ou cordiais. (Mello, 2022 p. 240).

O senhor Costa dá certa concretude à afirmação de Mello, longe de preocupação moral e material, sua preocupação em ajudar é embutida claramente de ação estética, o que em certa medida também é um experimento, ainda que

ilustrado de forma hiperbólica.

Toda essa estética manifestada dos comportamentos de Costa é também visível em outros personagens que, ainda que busquem o poder político, como no caso do Barbeiro que incita à rebelião e à derrubada da casa e deposição do “tirano” Bacamarte, tem em suas atitudes algo de estético e experimental, visto que, a todo momento demonstra e age como um líder que não é, e quando seu plano de restituir o doutor de seu cargo dá errado, vê sua máscara cair e sua aparência de figura política forte proposta aos outros cidadão desmoronar. Isso demonstra o risco de produzir e disseminar processos experimentais sem escopo ético, tal ação sempre produz cegueiras científicas e processuais que se subornando a interesses políticos e delírios autoritários, dos quais para atingirem seus objetivos e aumentarem seu poder, utilizam dessas outorgas como ponto chave para encadear seus próprios processos e experimentos, bem como sua própria ética. Em alusão a isso, afirma Mello:

A noção de que cada sistema interpretativo do mundo possui a sua ética resulta do fato de não ter suficientemente compreendido que o homem não é livre para interpretar o mundo a seu bel-prazer e anexar a essa interpretação o apêndice ético que lhe parecer mais conveniente. (Mello, 2022, p. 268).

Mas Simão não acreditava nisso, ele estava convencido de que não só poderia como deveria fazê-lo; é então que em perturbada atitude, mostra o quanto determinado estava em buscar seu objetivo, diz o narrador:

A abnegação do ilustre médico deu-lhe grande realce. Conjeturas, invenções, desconfianças, tudo caiu por terra, desde que ele decidiu recolher à Casa Verde a própria mulher, a quem amava com todas as forças da alma. (Machado de Assis, 2014, p.73).

O gesto de grande homem, de grande cientista preocupado com sua causa, engana os cidadãos da cidade que, sem entender tal atitude, veem nela a dedicação profunda de um homem que no limite de tudo só busca a verdade das coisas, a razão e a solução de tudo. Essa impressão é ainda mais corroborada quando, de um dia para o outro, Bacamarte manda simplesmente soltar todos os “loucos” da Casa Verde de uma vez, causando um choque ainda maior nos cidadãos de Itaguaí que, tentando entender tudo, chegam à dedução mais óbvia de que, no final das contas, o médico estava correto e se tratava simplesmente de questões “científicas”.

Tão logo o doutor soltou uma nota, na explicação, concordava com todos os pontos que os cidadãos por tempos reclamavam, pontos esses que iam das grandes quantidades de pessoas na Casa Verde à internação de todos por apresentar equilíbrio e racionalidade em tudo. Assim o médico concorda e proclama que chegou a iluminação de que a doutrina correta é a oposta, ou seja dali para frente, qualquer pessoa que apresentar equilíbrio em tudo, racionalidade e ética e atitudes boas com o próximo será considerado fora de suas faculdades mentais.

Toda essa passagem de fatos e diálogos demonstra o perigo e objetivo do Doutor. A questão não é estar a par da verdade, obter poder, ainda que esse seja inerente a sua prática, mas sim experimentar, analisar por analisar, ver até onde sua linha de raciocínio e conjecturas científicas podem levar a si e a sociedade; dito de outra forma, é a sanha do pensamento fáustico percorrendo e impulsionando seus neurônios. Ainda assim, a Câmara e os demais participantes naquela situação davam a Bacamarte mais poderes do que nunca, diz o narrador:

Foi adotado, sem debate, uma postura autorizando o alienista a agasalhar na Casa Verde as pessoas que se achassem no gozo do perfeito equilíbrio das faculdades mentais. E porque a experiência da Câmara havia sido dolorosa, estabeleceu ela a cláusula, de que a autorização era provisória, limitada a um ano, para fim de ser experimentada a nova teoria psicológica. (Machado de Assis, 2014, p. 77).

Os poderosos, a despeito das consequências, e em vias de obter mais poder, corroboram, ainda que à custa da desgraça alheia, a ânsia pífida de quaisquer terceiros. Todavia essa atitude só comprova a questão levantada a pouco de que, no caos e incertezas provocada por processos epistêmicos duvidosos, o poder político para além de influir, o apoia e o estimula, levando assim a um ambiente social de experimentos constantes, conforme tem sido proposto neste trabalho.

Mas faltava o ato final, para isso é preciso primeiro entender o experimento final de Bacamarte, do qual consistia em um sistema elaborado a partir da colheita de todo o caos epistemológico anterior. No caso seu sistema consistia em:

Estando os loucos divididos por classes, segundo a perfeição moral que em cada um deles excedia às outras, Simão Bacamarte cuidou em atacar de frente a qualidade predominante. Suponhamos um modesto. Ele aplicava a medicação que pudesse incutir-lhe o sentimento oposto; não ia logo às doses máximas, graduava-as, conforme o estado, a idade, o temperamento, a posição social do enfermo. (Machado de Assis, 2014, p.82).

Essa nova teoria marcava outro ponto na loucura que agora era crônica no doutor, no mar de confusões e desenganos, acreditava agora que, aquele que não

tivesse em seu ser irracionalidade, sentimentos egoístas e demais outros afins, padecia de loucura e deveria ser de imediato levado à Casa Verde, essa teoria vem corroborar o que foi mencionado no início do terceiro capítulo deste trabalho, a qual apontava a intenção também de moldar e experimentar sensações.

Pois bem, fazer com que as pessoas sejam egoístas ou ajam com total falta de sensibilidade com o outro, marca também um experimento para com as condutas, visto que, ao passo que se dissemina tais comportamentos, se tem aos poucos uma experiência de transformação comportamental da sociedade que está exposta a essa prática. Mas em vias de perceber de forma mais prolongada esses efeitos já presentes, mas potencializados pelo doutor, entra então o ato final que mescla surpresa, espanto, e grandeza para alguns, diz o narrador:

Simão Bacamarte achou em si as características do perfeito equilíbrio mental e moral; pareceu-lhe que possuía a sagacidade, a paciência a perseverança, a tolerância, a veracidade, o vigor moral, a lealdade, todas as qualidades enfim que podem formar um achado mentecapto. (Machado de Assis, 2014, p.86).

O nosso cientista alcançava uma epifania; em meio a nova teoria fazia uma descoberta, de que talvez fosse ele o paciente perfeito, de que talvez fosse ele o único louco afinal de contas, que talvez fosse ele mesmo o único capaz de responder e experimentar as próprias teorias. Então em um ato de martírio para com a “ciência”, recolheu-se à Casa Verde, mesmo com os prantos de sua mulher, do padre e de toda cidade que não obstante sendo cobaias do doutor, se viam em estado de contemplação diante de tamanha atitude, ao questioná-lo, responde Bacamarte:

— A questão é científica, dizia ele, trata-se de uma doutrina nova, cujo primeiro exemplo sou eu. Reúno em mim mesmo a teoria e a prática. Fechado a porta da Casa Verde, entregou-se ao estudo e à cura de si mesmo. Dizem os cronistas que ele morreu dali a dezessete meses, no mesmo estado que entrou, sem ter podido alcançar nada. (Machado de Assis, 2014, p. 87).

O encerramento da novela mostra a loucura, consequências e ambiguidades do Dr. Bacamarte; o caos causado na cidade, as pessoas mortas, a mudança de comportamentos e histeria coletiva causada, denotam seus experimentos, excentricidades e vontades de um louco contumaz; todavia, o processo machadiano, para isso, traz para além de ambiguidades e cenas marcantes, uma caricatura de uma sociedade republicana à luz do cientificismo, sociedade que à época passava

por grandes convulsões e mudanças. Para melhor explicar tal situação, é importante mostrar alguns aspectos dessa sociedade cientificista que parecia se formar naqueles tempos, e, para esse fim, recorreremos às intuições e reflexões do historiador José Murilo de Carvalho, especialmente aquelas presentes em sua obra *Formação das Almas* (1990).

A sociedade à época não tinha por futuro um só caminho, vários grupos entravam em disputas de mentes e corações; todavia, a ideologia, como justificativa maior de uma organização racional do poder, parecia ser algo comum a todos os grupos sociais em disputa. Essas convulsões sociais, tão presentes na novela machadiana, faziam parte também do ambiente social do qual o autor estava exposto: os monarquistas, os republicanos liberais bem como os positivistas, todos estes, mesmo com suas argumentações amparadas em uma suposta doutrina racional, utilizavam-se, na difusão de suas ideias e modelos, de um imaginário utópico. Como aponta Carvalho:

Embora fundamentalmente de natureza discursiva, as justificativas ideológicas possuíam também elementos que extravasam o meramente discursivo, o cientificamente demonstrável. Suponham modelos de república, modelos de organização da sociedade, que traziam embutidos aspectos utópicos e visionários (Carvalho, 1990, p.9).

Esses modelos se viam em disputa constante, no entanto, os grupos positivistas testemunharam um constante crescimento e proximidade com os elementos presentes da Belle Époque, quando a busca material desenfreada e a sobrevivência dos grupos populares em voga, ao se confrontarem ou tencionaram, disseminavam o caos ideológico. Assim, a sociedade que Machado retrata, ainda que em tempos de Monarquia, já carregava as ideias que seriam posteriormente preponderantes. Acerca disso diz Carvalho:

Como país exportador de matérias-primas e importador de ideias e instituições, os modelos de república existentes na Europa e na América, especialmente nos Estados Unidos e na França, serviam de referências constantes aos brasileiros. (Carvalho, 1990, p.18).

As ideias vindas da América do Norte e Europa ressoam fortemente na novela *O Alienista*, pois, como sátira, busca não só chamar atenção para os absurdos cientificistas (como já dito anteriormente), mas busca também condensar essas disputas presentes que moviam mentes e corações. Em primeiro lugar das elites e

seus círculos fechados, pelos quais Machado circulava em razão de sua reputação e capacidade, mas também nas populações e demais classes, tendo em vista a virulência e mudanças bruscas do regime brasileiro, criando assim a busca de um imaginário, que é descrito na novela como utopia cientificista com seus elementos e suas contradições. Como mostra Carvalho:

Havia, assim, pelo menos três modelos de república à disposição dos republicanos brasileiros. Dois deles, o americano e o positivista, embora partindo de premissas totalmente distintas, acabavam dando ênfase a aspectos de organização do poder. O terceiro colocava a intervenção popular como fundamento do novo regime, desdenhando os aspectos de institucionalização. (Carvalho, 1990, p. 22).

Esses modelos se viam representados pelos silos de poder no país: o primeiro, pelos proprietários rurais paulistas e das demais províncias, que viam no modelo norte-americano de pacto social e simbólico uma saída de preservação de interesses e vantagens para si. Junto a eles, os republicanos das principais províncias, São Paulo, Rio de Janeiro e Minas, que observavam no federalismo a saída concreta para a decadência do império. Sobre os interesses em voga, diz Carvalho:

Convinha-lhes a definição individualista do pacto social. Ele evitava o apelo à ampla participação popular tanto na implantação como no governo da República. Mais ainda, ao definir o público como soma dos interesses individuais, ela lhes fornecia a justificativa para defesa dos seus interesses particulares. (Carvalho, 1990, p. 24).

Não obstante os republicanos acreditarem nos aspectos do federalismo como futuro e saída, o silo ruralista já o via como ponto de preservação de interesses e controle de desagrado popular. O problema estava posto, entretanto havia outro modelo de república, a versão positivista. Sobre isso, diz o autor:

A versão positivista da república, em suas diversas variantes, oferecia tal saída. O arsenal teórico positivista trazia armas muito úteis. A começar pela condenação da Monarquia em nome do progresso. Pela lei dos três estados, a Monarquia correspondia à fase teológica-militar, que devia ser superada pela fase positiva, cuja melhor encarnação era a república. A separação entre Igreja e Estado era também uma demanda atraente para esse grupo, particularmente para os professores, estudantes e militares. Igualmente, a ideia de ditadura republicana, o apelo a um Executivo forte e intervencionista, servia bem a seus interesses. (Carvalho, 1990, p. 27).

A visão de sociedade diversificada segundo a moda positivista já era vislumbrada pelos adeptos dessa doutrina, que, não obstante suas objeções aos

militares, viam nestes e em outros setores um potencial de incorporar e fazer seu projeto aflorar. Ainda assim, outra proposta se encontrava em voga, de acordo com Carvalho:

Por último, a proposta positivista de incorporação do proletariado à sociedade moderna, de uma política social a ser implementada pelo Estado, tinha maior credibilidade que o apelo abstrato ao povo e abria caminho para a ideia republicana entre operariado, especialmente o estatal. (Carvalho, 1990, p. 27).

Essa terceira proposta já estava sendo implementada, haja vista que a Belle Époque por bem ou por mal se via presente na vida social do povo, dos quais eram compulsoriamente submetidos a ela por meio dos esforços do governo em modernizar as cidades e até costumes populares. Assim, como mencionado, a sociedade mostrada em *O Alienista*, para além de retratar os experimentos presentes à época pelo Bruxo do Cosme Velho de maneira absurda e precisa, retrata também a influência dos modelos propagados pelos grupos de poder, modelos esses que se centralizam na república e no positivismo, que em suas diversas fases e transformações, tinha como ponto final uma sociedade guiada pelos iluminados e pelo cientificismo, como em explicação de Bacamarte:

Meus senhores, a ciência é coisa séria, e merece ser tratada com seriedade. Não dou razão dos meus atos de alienista a ninguém, salvo aos mestres e a Deus. Se quereis emendar a administração da Casa Verde, estou pronto a ouvir-vos, mas se exigir que me negue a mim vós, em comissão dos outros, a vir ver comigo os loucos reclusos; mas não faço, porque seria dar vos razão do meu sistema, o que não farei a leigos, nem a rebeldes. (*O Alienista*, 2014, p.55).

Todo esse processo e experimento exposto na novela, com suas sensibilidades e exageros, é de singular representação. Caminhando para uma exposição final do objeto levantado ao longo deste trabalho, é primordial suscitar a pesquisa e hipótese de Ivan Teixeira (2008) em “Irônica Invenção do Mundo”. Teixeira começa por apresentar sua hipótese de que *O Alienista* é “imitação burlesca da história do mundo, particularizada no pastiche do processo de hierarquização de uma pequena cidade do interior do Brasil” (Teixeira, 2008, p.149).

Essa hipótese levantada pelo autor busca, para além de afastar o problema da “loucura” como tema central da novela, argumenta que este problema, por sua vez, é um mecanismo que representa a constituição e o exercício do poder; sendo assim as condições estabelecidas pelos agentes, não só são devaneios e delírios de grandeza, mas sim um meio de consolidação da sua própria autoridade. A forma da

novela, criada a partir de caricaturas de diversos matizes, feitas em tons hiperbólicos elevados, é, segundo Teixeira, parte dessa reconstrução burlescas dos princípios e suas falências:

Contra a autoridade religiosa, contra a autoridade médica, contra a autoridade política e contra o desejo de autoridade popular. Acima de todos esses desenhos distorcidos, paira a denúncia irônica do suposto abandono das virtudes e da adesão generalizada ao erro. Na novela, a irracionalidade não se associa apenas à insânia, mas, principalmente, à falência dos princípios. (Teixeira, 2008, p.150).

É perceptível que, mediante sátiras, a novela intenta mostrar a massificação do comportamento imposto e incentivado pelos agentes institucionais, tornando o ambiente social cada vez mais reduzido e particularizado a determinado espectro de pensamento, comportamento e ação (no caso deste trabalho, seria uma concepção cientificista de sociedade). Todavia, o autor aponta para um retrato que se transmuta em uma deformação e que se condensa em quatro instâncias, todas com determinação da sua ordem e representação, são elas: Igreja, a Ciência, a Câmara de Vereadores e o Povo, que como bem salienta, são “todas igualmente agitadas por ambições, disfarces e estratégias” (Teixeira, 2008, p.150). Essas ambições e disfarces operam, na visão do autor, com ideias gerais, suprimindo nesse percurso noções que possam produzir algum tipo de singularidade e particularidade, o que suscita a menção feita há pouco de massificação do comportamento. Teixeira busca também demonstrar outra chave interpretativa, a saber, a da metáfora. Segundo o crítico:

O texto produz uma metáfora do Segundo Reinado brasileiro: a qual consistia na identificação de Simão Bacamarte com a imagem imperial de Pedro II. Igualmente empenhados na racionalidade, na ciência e no bem-estar coletivo, ambos instalaram hospícios nas respectivas cidades. Conforme o mesmo jogo de alusões eloquentes, padre Lopes representa as dissimulações da Igreja, em constante oposição ao poder ilustrado da razão. Os vereadores, alheios ao interesse público, simbolizam política; o barbeiro, obediente ao estímulo do impulso, o povo; o boticário, servil e oportunista, a pusilanimidade; Dr^a Evarista, obcecada pelas aparências, a vaidade, etc. (Teixeira, 2008, p.151)

Todos esses agentes buscavam implementar no porvir suas agendas e garantir o futuro de constância comportamental, social e imaginativa daqueles aos quais suas teorias eram impostas; no entanto, a farsa era um ponto central para o narrador, pondo-o em cheque sua narração, já que tinha em mente o horizonte e contexto ficcional de dissimulação e ironia. Essa postura do narrador assume, em

seu contraste entre o poder da igreja e o da ciência, uma tensão mais elevada, conforme entende Teixeira:

O fio condutor da fábula de *O Alienista* consiste na encenação paródica da luta pelo controle social, singularizada em momento agudo da disputa entre a Igreja e a ciência, que dominam as verdades hipotéticas de comando, visto que a política (vereadores e povo) nada mais faz do que se desgastar em gestos de retórica inoperante diante da decisiva força das duas outras instituições (Teixeira, 2008, p.160).

A dualidade contrastante entre ciência e religião aqui é bastante consolidada, visto que os agentes externos dessa disputa pela primazia pertencem a uma hierarquia menos elevada (“Os Vereadores”) e representam apenas um dos pólos de poder. Numa perspectiva mais cerrada, eles atuam como fiadores e executores das agendas postas pelos dois outros pólos do poder (ciência e igreja), ainda que tenham seus interesses próprios. Aliás, na obra, o poder político, e até mesmo o do povo, não tem como fim último a implementação de uma agenda (isto é, de um *telos* que vá além ou sublime os interesses imediatos de seus agentes), mas sim a garantia de privilégios – e com isso difere tanto da ciência quanto da religião (na novela, no caso), que adotam como centro de sua ação a implementação de seus elementos e valores comportamentais e sociais, não obstante tenham de ocasionalmente se amparar na Câmara de Vereadores e no Povo.

Um segundo elemento tratado por Teixeira é o debate acerca do conceito de loucura, que, segundo o autor, provém da sistematização da prática psiquiátrica no Brasil, ocorrida a partir de 1841, com a criação do hospício de Dom Pedro II. No que diz respeito às doutrinas que lastreiam essa nova instituição, diz-nos ele:

A doutrina adotada pela nova instituição fundava-se no método de Felipe Pinel (1745–1826) e Dominique Esquirol (1772–1840). Tais alienistas tornaram-se famosos na Europa por valorizar a observação estatística de pacientes e por acreditarem na hipótese da loucura como doença, e não como dano incurável (Teixeira, 2008, p.163).

Essa hipótese de *loucura como doença* se faz presente incontáveis vezes ao longo da novela, muito bem representada nas intervenções feitas por Bacamarte ao delimitar, de uma hora para outra, conceitos ou comportamentos que, em sua visão, apresentavam traços de loucura. Assim se justificava as internações e intervenções realizadas pelo médico que, agindo dessa forma, abria aos “doentes” a possibilidade de se tratarem na Casa Verde e lhe concedia oportunidades de desenvolvimento de

sua pesquisa. Esse comportamento de Simão Bacamarte claramente sugere o tipo de olhar suscitado pelas doutrinas alienistas (acima citadas) acerca do fenômeno da “loucura”. Contudo, ainda havia a tentativa, como aponta Teixeira, de oposição ao domínio da igreja que, segundo ele, tenta refrear a “parafernália moderna”, isto é, as pesquisas e posições então inovadoras dos alienistas. Nas palavras do crítico:

Ao encenar a criação de um novo conceito para a antiga questão, a novela pretende evidenciar o estatuto convencional da loucura, que, dependendo de critério cultural, será sempre entendida como dado de natureza, uma verdade absoluta (Teixeira, 2008, p.164).

Uma verdade absoluta, porém, é o que se torna o próprio Bacamarte, no caso, não só sua ideia, mas sua própria representação simbólica da “ciência”. Porém, suas ações dentro da obra revelam outra faceta trabalhada na obra, nomeadamente, a implementação do caos como constância elementar em sua ação – o que contrasta com seu intento declarado de pacificar e normalizar o local, livrando, para esse fim, a cidade dos loucos. Entretanto, as ações do doutor na novela (e isto é outro traço da genialidade machadiana) acrescentam mais uma camada ao seu personagem: seu frenesi ao perceber que suas teorias vão sendo implementadas, ainda que não tenham uma finalidade tão clara. Sobre isso, suscita o autor:

O maior espanto artístico em *O Alienista* consiste em Simão Bacamarte, cuja função seria preservar a identidade do mesmo, assume o papel do outro, da diferença e do imprevisível, promovendo, por isso, o caos e a confusão. Assim, o agente da ordem converte-se subitamente na origem da desordem (Teixeira, 2008, p. 164).

Ao assumir para si, inconscientemente ou não, a função de agente da desordem, Bacamarte, anteriormente precursor da ordem, social e racional na pequena Itaguaí, transforma-se, no anseio de sua busca, na causa do caos e incompreensão das regras sociais, isto é, o próprio motor de um distúrbio do qual, em determinado momento, nem sequer o próprio doutor se dá conta. Desse modo, sua ânsia fáustica, sua procura epistêmica da verdade em relação à loucura naquela pequena cidade, traz em si uma representação: a destruição de tudo aquilo que fora não “racional” pela ambição “científica”.

No fim, suas ações demonstram que, no apogeu de sua ambição, não reinava a busca pela verdade, mas pura e tão somente ambição, a qual podia e deveria passar por cima de qualquer um, bem como experimentar e moldar a

sociedade em qualquer forma, mostrando ser o doutor o experimentador e o experimento de uma sociedade de convulsões e transformações tão bem descritas na novela referida.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho foi apresentado um recorte com o objetivo de criar um panorama que possibilita a compreensão de alguns aspectos da modernidade, mais especificamente a brasileira por meio do texto *O Alienista*, esses aspectos buscaram por sua vez enfatizar a alusão à sociedade como experimento pela ótica machadiana bem como as suas contradições subjacentes à complexa realidade brasileira que o texto, nas suas dimensões estéticas e ficcionais transfigura.

Essa chave de entendimento da novela e sua complexidade começa à luz do retrato das transformações que se desenvolviam pelos ventos modernos que sopravam, assim é apresentado um pequeno quadro histórico alicerçado em Everdell, que passando por Dedekind e Cantor, assim como a obsessão dos positivistas pela materialidade e exatidão científica, traz o elemento de concretude e materialidade como um escopo da modernidade observado e com influências figuradas na obra do Bruxo do Cosme Velho.

Ainda na primeira parte Everdell mostra um pouco a influência da pintura e da histologia com a descoberta de Ramón Cajal, algo que incendiou muitos corações de jovens cientistas, dentre eles, Sigmund Freud, que com as tentativas fracassadas no início de aplicação da eletricidade e da química no processo nervoso, formou o caminho para sua teoria e os elementos a ela subjacentes; pulsações sexuais humanas, consciente e inconsciente agora entravam no palco das descobertas advindas dos ciclos presentes e influências do século XIX e posteriormente do XX.

Toda essa trajetória mostra como a dimensão da psique humana e suas patologias começa a ser explorada na modernidade; nesse sentido *O Alienista* não é diferente, visto que o texto apresenta a exploração e dimensão da experimentação da psique humana e sua instrumentalização comportamental à luz da perspectiva moderna, a exemplo da Belle Époque. Isso tudo por meio da condensação do frenesi de sua época e das consequências posteriores vislumbradas pelo autor.

Ainda na primeira parte do presente trabalho, é apresentado mais uma peça

do recorte da modernidade, mas agora aos olhos de Giddens, que no processo de descrever as mudanças da modernidade, mostra em meticulosa descrição de como a separação de tempo e espaço assume nesta um pináculo. Essa separação põe como característica da modernidade a facilidade de mover e globalizar ideias, costumes e comportamentos, fazendo-os por meio de instituições e meios, como observado na referida obra do autor que, dentre outras coisas mostra como a implantação das ideias modernas passa por agentes, estatais ou não, a exemplo de Simão Bacamarte como a representação da “ciência”, e a câmara de vereadores, representando o poder político.

Essa mesma separação ocorre e está presente nos jornais, rádios, marcadores de tempo, que, como o relógio de pulso, que uniformiza horários e rotinas. Esses elementos são usados pelo autor para mostrar como no porvir da modernidade já se era possível vislumbrar as formas de controle e planificação social, algo que está inequivocamente presença na novela, que como já mencionado mais acima, usa dos decretos municipais e das percepções de um agente dito doutor para subverter e experimentar comportamentos e formas de pensar.

Toda essa primeira fase, (como já mencionado) buscou dar aspectos e mostrar alguns elementos advindos do processo da modernidade no mundo com perspectivas de ajudar a melhor compreendê-los. Na segunda parte deste trabalho o foco foi a modernidade brasileira, que foi examinada à luz dos apontamentos de Sevcenko e Martins, os quais possibilitam examinar a fundo o caos e mudanças sociais que a Primeira República trouxe, caos esse que aproximava ideologicamente ou por uma adesão simplesmente material e em vistas de sobrevivência, toda uma população que se via agora no meio da tempestade que soprava rumo a Belle Époque.

Este advento se faz presente na novela, visto sua tentativa hiperbólica e clara de representar esses processos em andamento à época. Sofrimento: distorções urbanas, deslocamento dos mais pobres e afastamento dos que não se adequaram aos novos padrões e costumes sociais propostos, coleção de experimentos sociais e comportamentais em meio a queda de um período e ascensão de outro, a República.

Encaminhando-nos para o final deste trabalho, do qual, ao longo de todos esses processos advindos da modernidade no mundo e no Brasil, vem a análise da novela *O Alienista*, condensado tudo o que esta pesquisa trouxe no que tange à

sociedade como experimento político, ideológico, sobretudo a racionalidade material. Abordado por meio das lentes de Mayer, Schwartz, Gledson, Mello, Carvalho e Teixeira, podemos observar o retrato do frenesi presente à época do Bruxo do Cosme Velho, a condensação de ideologias, lutas políticas, transformações de costumes sociais e disfunção cognitiva. Isso é feito de forma ímpar e inequívoca na escrita machadiana que, retratando tudo isso, deu transfiguração à sanha cientificista e às máscaras autoritárias, bem como o uso pérfido pelos agentes que detêm os meios físicos, intelectuais e comunicacionais, que para o bem ou para o mal, influem nos indivíduos ideias e costumes que são próprios de seus interesses. Tudo isso vai ao encontro do objeto de pesquisa deste trabalho.

Por fim, é de se ressaltar que no processo de pesquisa e reflexão, algumas chaves de interpretação surgiram conjuntamente; a primeira era a forma de Machado, através desta novela, fazer um retrato sombrio e deixar uma advertência um tanto cética acerca das consequências presentes nesse processo. A segunda era a intenção de Machado, não só nessa novela mas em toda sua obra de montar um diagnóstico preciso do espírito da burguesia brasileira e toda a sua complexidade, bem como seu futuro à luz da Belle Époque. Há ainda uma terceira hipótese, que é a de Machado, tanto na referida obra quanto nas demais (especificamente os romances da maturidade), fazer uma previsão do que se tornaria toda a teia de costumes com o aprofundamento da modernidade e de sua complexidade.

Essas três chaves podem convergir na perspectiva de uma pesquisa futura. Todas elas só reforçam a importância do objeto de pesquisa proposto neste trabalho, o qual observou na obra machadiana, especificamente a novela *O Alienista*, uma representação da sociedade no campo de possibilidades materiais, teorias e ideologias políticas e como estas se centram na ideia de controle racional científico de todos os processos humanos à luz das contradições sociais brasileiras subjacentes, buscando também novas perspectivas de diálogos entre literatura, sociedade e ciência.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de, 1839-1908. **O Alienista** / Machado de Assis: introdução de John Gledson; notas de Hélio Guimarães, – São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2014.

ASSIS, Machado de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro : Nova Aguilar, 1994. v. II.
CARVALHO, José Murilo de, 1939 - **A formação das almas**: o imaginário da República no Brasil / José Murilo de Carvalho, – São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

EVERDELL, William. R. **Os primeiros modernos** / William Everdell; tradução de Cynthia Cortes e Paulo Soares, – Rio de Janeiro: Record, 2000.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade** / Anthony Giddens; TRADUÇÃO RAUL FIKER. – SÃO PAULO: EDITORA UNESP, 1991.

GLEDSON, John. **Por um novo Machado de Assis**: Ensaios / John Gledson. – São Paulo: Companhia das Letras, 2006 (Edição Kindle). Posição 7265.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples**: cotidiano e história NA MODERNIDADE ANÔMALA. – SÃO PAULO: HUCHEE, 2000.

MELLO, Mario Vieira de, 1912-2006. **Desenvolvimento e cultura**: o problema do estetismo no Brasil / Mario Vieira de Mello; coordenação Martins Vasques da Cunha. -1 ed. - São Paulo: É Realizações, 2022.

MEYER, Augusto, 1902-1970. **Ensaio Escolhidos** / Augusto Meyer; seleção e prefácio de Alberto da Costa e Silva. - 4ªed.– Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na primeira República / Nicolau Sevcenko. – São Paulo: Brasiliense, 1999. 1ªreimp. da 4. ed. de 1995.

SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas**: formas literária e processo social nos inícios do romance brasileiro / Roberto Schwarz. – São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2012 (2º Edição).

TAVARES, Maria. **Economia Política**. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hGGI4ObbaKs&list=PLNDJSDO32MBTFxeQcCyURzK7qP4y5OETG&index=12>>. Acesso em: 23 de set. 2023

TEIXEIRA, Ivan. Irônica Invenção do Mundo: Uma leitura de *O Alienista* / Ivan Teixeira. – **Revista USP**, São Paulo, n.77, p.149-169, março / maio, 2008.